

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



CASULO BÁRBARO

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ENCENAÇÃO

João Fábio Gonzaga Cabral

Lisboa, outubro de 2018

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

CASULO BÁRBARO

João Fábio Gonzaga Cabral

Trabalho de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Encenação, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Armando Nascimento Rosa.

Lisboa, outubro de 2018

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Armando Nascimento Rosa por tudo que me ensinou, pela paciência e generosidade. Muito obrigado!

À Professora Doutora Eugénia Vasques pelos ensinamentos, sabedoria e pelas provocações artísticas, viva!!!

À Escola Superior de Teatro e Cinema, a todos os professores e funcionários, muito obrigado por me acolherem.

À minha família, obrigado pelo amor e pelo apoio.

Aos meus amigos, tudo foi construído com vocês!

Aos artistas que participaram de todos os meus espetáculos realizados na escola durante esses dois anos.

Aos atores que realizaram *Ó, Eu não Sou Daqui* e *Casulo Bárbaro*. Muito obrigado sempre!

RESUMO

Este relatório descreve o processo de pesquisa, investigação, construção do texto dramático e também a realização do espetáculo *Casulo Bárbaro* (apresentado no Teatro da Comuna – 2018).

O processo foi iniciado e realizado através de uma viagem feita por cinco países diferentes (entre 2017 e 2018). Está inserido no meu projeto final do Mestrado em Teatro, especialização em Encenação.

Palavras-chave: encenação, não pertencer, viagem, estrangeiro, existir, fronteiras, teatro, dramaturgo, sentimento, solidão, memória, mundo, viver.

TODAS AS FOTOGRAFIAS E MONTAGENS QUE ESTÃO PRESENTES NESTE TRABALHO DE PROJETO SÃO DA AUTORIA DE JOÃO FÁBIO CABRAL E MIGUEL BARTOLOMEU

ABSTRACT

This report describes the search process, investigation, construction of the dramatic text and also the performance of the show *Casulo Bárbaro* (played on Teatro da Comuna – 2018).

The process begun and was written through a journey made by five different countries (between 2017 and 2018). It is inserted in my final Master's project on Theatre, specialization in Staging.

Keywords: staging, not belonging, journey, foreigner, exist, borders, theatre, playwright, feeling, loneliness, memory, world, live.

EVERY PICTURE AND COMPOSITION PRESENT IN THIS PROJECT WORK ARE MADE BY JOÃO FÁBIO CABRAL AND MIGUEL BARTOLOMEU

ÍNDICE

Introdução.....	1
Primeira fase: Capítulo 1- A viagem, o retorno pelo fim, o bárbaro sentimento da solidão. O Casulo.....	3
Holanda.....	6
França.....	16
Espanha.....	22
Brasil.....	25
Portugal.....	27
Segunda fase: Capítulo 2- Uma dramaturgia que chora um luto, uma nova terra, me chamo Roma.....	29
Terceira fase: Capítulo 3- Casulo Bárbaro ensaia o palco para o teatro.	
Escolhas!.....	32
Encenação.....	35
Conclusão.....	37
Bibliografia.....	39
Anexos.....	41
Anexo 1- texto dramático <i>Casulo Bárbaro</i>	42
Anexo 2- fotografias do espetáculo <i>Casulo Bárbaro</i>	92

INTRODUÇÃO



No teatro a gente pode tudo, até se salvar!

Ator - *Casulo Bárbaro*.

Este relatório talvez seja - continuo pensando onde começa e termina o lugar da fantasia e da realidade- um aparente relato real, mas o que foi vivenciado e explorado através das minhas experiências na viagem pelos cinco países dialoga com o lugar real e ficcional, tendo sido compartilhado com as pessoas e territórios por onde passei.

Penso que, no fundo, esta acaba por ser uma forma mais genuína de relatar o desenvolvimento do meu projeto final de mestrado intitulado *Casulo Bárbaro*. É também a maneira artística de me comunicar com o objeto artístico citado.

Para mim, é uma interrogação sempre. Falo do processo criativo. Penso: o que poderia eu levar ou o que me poderia levar ao plano da ficção depois do universo experimentado? Seria um monólogo e é provável que o seja mesmo. Quem sabe apenas um momento escrito como dissertação de um artista em mutação? Carregado de uma pequena história...romântico, desequilibrado, por vezes “sujo” e outras talvez “anjo”. Hipóteses! Agora, personagem... Eu personagem daquilo que imagino, como personagem do que sou. É ficção o caminho para *Casulo Bárbaro*. Esse lugar pode ser o ponto para ir adiante e tentar criar aquilo que sempre permanecerá invisível, talvez, na minha cabeça.

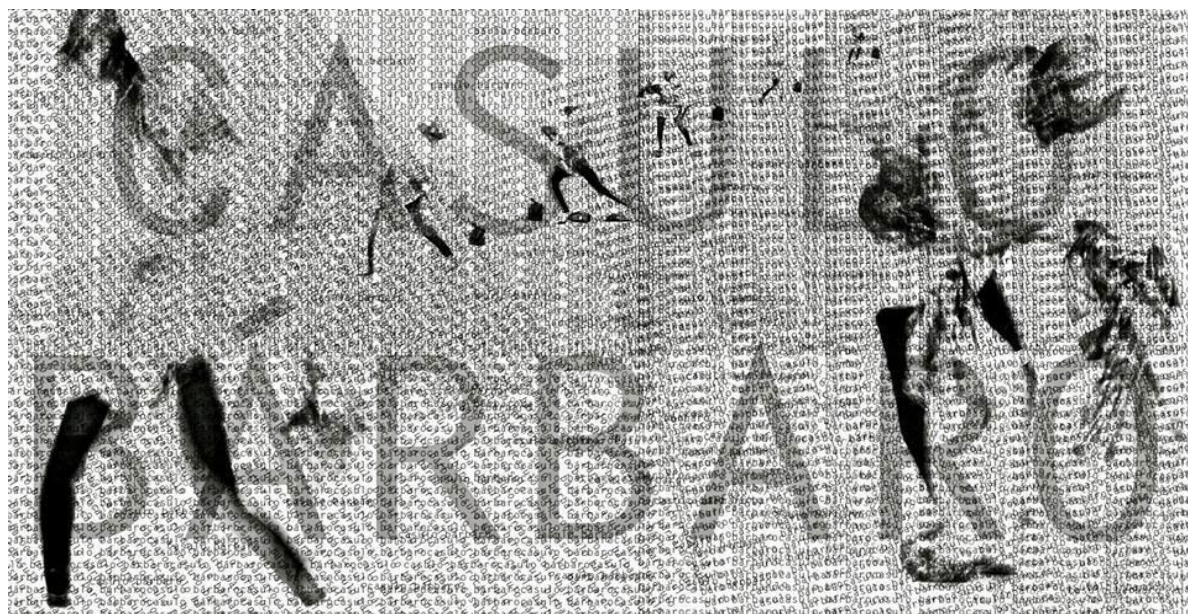
Penso que não existe uma resposta precisa e penso também que tudo isto pode ser um poema dramático, que tudo isto pode ser o ser, que tudo isto pode ser nada diante do que esperavam os meus olhos enxergar. O que sei é que é um momento, rápido e lento, sempre presente nas duas coisas que

vivo buscando tocar: a vida e a morte. O pertencer e o não pertencer. Uma “encenação” crua daquilo que o teatro tão generoso também pode acolher. Antes de tudo, ou depois de tudo, eu, que pensei em me curar (curar da saudade da terra, do afeto distante ou do “exílio”), percebi que me perdi ainda mais. Era uma identidade que já não existia; alguma referência para renascer, aprender um “idioma”, um costume, um cotidiano; ter o espelho para se olhar e se reconhecer. Lágrimas presas, livres por todos os lugares, enxuguei muitas! Esses cantos cênicos que se transformam em melodia da carne! (Isso não era para ser literatura).

O teatro é a minha salvação. Mesmo achando que poderia ser o contrário, ele é a minha rua na madrugada- falo do teatro. Quem sabe também se esse texto não é uma fotografia do tempo que explode quando me aproximo dele com intimidade. O teatro também. *Eu vou-te matar, senhora!* (frase da personagem Roma). E essa senhora poderia ser tanta coisa. Até a vida!

Eu fui em busca da “viagem”. Fui sabedor dos erros que iria encontrar em mim, claro, no meu verso quase alegre de saber que o fundo dessa caminhada era infinito. E na verdade não era, ainda não é. Noite e dia, um tempo depois do outro. Eu queria-me sentir livre, livre da liberdade que tenho. Contraditório, mas foi assim que andei me sentindo, me tocando, dialogando incansavelmente todos os dias durante essa viagem “bárbara”.

PRIMEIRA FASE: CAPÍTULO 1 – A VIAGEM, O RETORNO PELO FIM, O BÁRBARO SENTIMENTO DA SOLIDÃO. O CASULO



O comboio sabe o destino final...

Essa viagem me levou para um “mundo” cheio de sentimentos e, naturalmente, me levou ao encontro do artista, do homem como ser, da vida. Entender o não pertencer foi uma tarefa muito complexa e dolorosa mas esclarecedora até onde consegui chegar- um chamado para a vida. Um riso nervoso, aprisionado e livre foi também manifestado durante o percurso. Lembro que lendo um poema de Teixeira de Pascoaes- assim como algo sublime que por vezes só a poesia alcança- eu encontrei uma libertação que me apavorou durante toda viagem e que me confortava todos os dias. Não se pode ser pela metade ou andar pela metade de um caminho, o segredo não existe apenas dentro de mim ou na rua, ele precisa deixar de ser segredo, mesmo sendo segredo, para continuar a ser segredo. O mergulho foi brutal, como a vida!

Viver é queimar a vida,

transformá-la em calor

e claridade

Viver e arder

é o mesmo fenómeno.

Como distinguir as almas

das estrelas?

Brilham no céu

*anoitecido,
no mesmo fundo
tenebroso,
impenetrável ao pensamento
dos filósofos.
(Pascoaes: 1995, 28)¹*

Algumas vezes, nas aulas da Professora Doutora Eugénia Vasques, escutava um “tiro” que saía ecoando através da sua voz e que se espatifava nos meus ouvidos e pensamentos:

“RISCO! A ARTE PRECISA DE RISCO!” - dizia ela me olhando e eu em suspensão tentava-me agarrar àquilo que não chamamos de loucura, para me tentar salvar. Risco na minha terra pode ser um ponto riscado no chão, numa folha de papel, uma tatuagem de um momento. Também pode ser o arriscado, e se arriscar é um caminho sem volta, outros tantos riscos vão aparecer e isso sempre ficava na minha cabeça: “o que é teatro? Um risco arriscado e sem volta?”

Eu poderia contar um pouco do que aconteceu nesses últimos anos, mas contar é falar e falar é frágil, pode machucar até. Prefiro o silêncio- olhar o silêncio, sentir em silêncio e dormir em silêncio. Não quero despertar olhando o território alheio como ideia de vida. O meu quintal anda muito bagunçado, o jardim secou, sabe?

No outro dia, encontrei uma árvore de mentira. Era bela, bela mesmo, tão bela que era de mentira e de tão mentirosa ela, a árvore, veja só, acabou virando uma árvore bela, mesmo de mentira. Mas ficou bela e de verdade, mesmo de mentira, por isso, veja só outra vez, eu já não tenho certeza de mais nada. É provável que aquela árvore também não mas sabe de uma coisa? Ela era única e vivia no meio de um deserto. Sei lá, as árvores pensam de uma forma esquisita e eu nunca mais falei com ela- falo da árvore-, nunca mais. Acredito que será muito difícil eu procurar outra vez a sombra dos seus galhos, ou alguma sombra próxima dela.

O carnaval acabou na minha cidade, sonhei isso esses dias, sonhei mesmo. Ninguém tinha mais alegria, eram diferentes, existiam cores que não eram cores humanas. Humanos têm cores? Uma fronteira começa a se fechar, mais uma e muitas estão no mesmo caminho. Acordar sem ser o que desejo, acordar e olhar para quem eu não desejo. Esconder uma vida, toda ela, esconder sempre para sobreviver. Uma ponte precisa ser atravessada, sob ela corre

¹ PASCOAES, Teixeira de (1995), *O Grito que Deus deu*, Braga, Ed. A.O.

um rio que seca com o passar dos dias. Eu necessito atravessar, olhar o rio secando não vai me salvar.

Um dia, deixei a minha casa e fui encontrar um amor. Pensava que era amor, pensava que era sonho de amor e, no meio do oceano, o barco virou. Eu fiquei ali dias, dias olhando o amor se afogar, tentei ajudar, sim, estiquei minha mão e tentei ajudar o amor, mas o pior quase aconteceu... É, lembranças,...eu preciso esquecer que tenho memória, esquecer que ontem pensei em cruzar uma fronteira desconhecida. Esse território se apaga mais e mais a cada dia, logo ele será invadido de uma maneira brutal. Será sim. O comboio sabe o destino final. Nós não!

O problema é que quando a gente fala, não sei, parece que quem ouve não se identifica ou não escuta. Eu quero falar para o mundo, esse mundo bem sujo, mas eu sei que o mundo anda bem surdo, anda mesmo. Resolvi sair de casa e passar dias rodando sem parar, mudando de cidade, mudando de roupa, mudei até de amor, mudei quase tudo mas quanto mais eu mudava mais eu me parecia com aquele que um dia saiu de casa. Não é engraçado?

Acho que sou filho único. Devo ter nascido no meio de um lago gelado mas eu choro. Não tenho essas coisas de ficar intacto aos sentimentos mas é estranho, uma certa raiva do ser vive presente em mim. Eu queria-me mostrar, mostrar tudo. Eu também sou de mentira. Que fixação nessa coisa da verdade e da mentira! E serve para o quê, mesmo? Tanto a mentira quanto a verdade, sei lá, um lado ou outro deve ter alguma razão para registrar em cartório. Humanos precisam de assinaturas, razões, mas quais...?, e o rio separa e junta essas partes que parecem ser antagonistas. Não gosto dessa palavra... ANTAGONISTA! Parece uma justificativa para criar, criar vida e arte. Detesto o mundo, nunca vejo o que acontece do outro lado até pular para o outro lado. O jogo é perigoso, o jogo sempre é perigoso, o jogo sempre vira- essa frase eu gosto- o jogo sempre vira, mas vira tudo. Vira até cena, até cena de novela e ameaça de morte mas ninguém morre de véspera. Quem morre? Morre, aposte, morre. Vou fechar todas essas janelas, vou mesmo.



HOLANDA

O lixo chega como cenário, a ideia, o álcool para se salvar do porre real!

Faz um mês que estou na Holanda, estava, estou, quer dizer, estou saindo hoje... Foi estranho no início, muita coisa sem sair do lugar- minha cabeça mais que tudo.

Eu cheguei aos Países Baixos e o meu telefone descarregou. Fiquei esperando na estação central, esperando alguém me vir buscar e nada acontecia. Decidi pedir para carregar o meu telefone num café dentro da estação. Veio aquela velha história sem sentido: como perguntar e falar que eu queria apenas carregar meu telefone, a bateria do meu telefone? Não gostaria de consumir absolutamente nada. Consegui. Objetivo alcançado.

Depois de um longo tempo e uma longa espera, eu, já pensando no sentido de ter vindo para a Holanda, de me ter arriscado nessa viagem de perceber, um pouco que seja, esse lugar chamado não pertencer, consegui um contato de quem me iria buscar e, para minha surpresa, eu esgotado fisicamente, fico sabendo que ninguém me iria buscar, que eu teria que ir sozinho até ao endereço. Um obstáculo do não território conhecido começou a sua tarefa. Sangue que pulsa, vida que faz perguntas, e agora? Fui. Tive que ir. Peguei um trem e fui até ao local. Que bom, cheguei.

O primeiro dia foi mais estranho, eu não sabia o que fazer. O que eu vou fazer?, pensava eu. Pensava por onde começar, que engraçado. Comecei por andar de bicicleta, saí andando por Rotterdam. Andei, andei, andei e parei num bar. Parei e comecei a beber, precisava entender na viagem do álcool, sim, o sentido de escolher aquela cidade para iniciar meu processo de criação. “Estou aqui para isso”, pensei! Então vamos criar onde eu não pertenço, uma voz que não parava

dizia que sim, que eu de facto não pertencia naquilo tudo. Quem disse? Nada mais aconteceu e eu apenas bebi, bebi muito, muito! Como voltar para casa depois de tomar todo o álcool que existia no bar? Voltei. Lembro das luzes brincarem com os meus sentidos, os meus olhos. Lembro do ventinho gelado batendo no meu rosto, lembro que cheguei tão feliz em casa. Acordei com ressaca. Pior parte! Jorrando possibilidades de criação. Viver arte é um território devastador para quem se permite.

Então os meus dias começaram. Não posso relatar os detalhes de cada um mas irei relatar o que foi me marcando, o tempo... Segundo Antonin Artaud, *temos o direito de dizer o que já foi dito, de uma forma que nos pertença uma forma que seja imediata e directa, de acordo com a actual maneira de sentir e acessível a todos.*

Um dia saí de casa pronto para ver o mundo sem roupa, e vi muitos seres humanos tomando sol sem nenhuma roupa- isso no outono, o outono aqui faz frio. O que quero dizer com isso? Quero dizer que esses seres humanos estavam necessitados, queriam-se mostrar, eles queriam ficar expostos, eles queriam sexo entre eles, eles queriam pertencer. O sexo é uma fronteira muito esclarecedora, por ele também se pertence ou se exclui. Um dia quero falar mais sobre o território do desejo na sociedade. Que seja no teatro. Um fato me chamou a atenção: um ser humano deitou na grama bem próximo de mim, daí ficou parado me olhando. O ser humano parecia sentir fome, fome de corpo, e ele, o ser, começou a se masturbar e fazia cara de desejo naquela fronteira que dividia nossos mundos. Observar a cara do desejo é uma coisa muito estranha quando não se sente desejo pela cara de desejo. Eu não sabia muito o que fazer, tirei a roupa. Ufa! O ser humano começou morder o braço. Foi tão simbólico! Foi sim! Vesti minha roupa. Estava como fome e fui para casa. Comi. Comida! Alimento para o físico.

O que mais foi importante? Importante nesses dias? Foi quando, num dia frio, alguém olhou para mim e disse-me: VOCÊ PRECISA PARAR DE FALAR DO PASSADO.

Palavrão!

Foi um choque!

Cada uma!

Eu fiquei três dias rodando, rodando, rodando e pensando porque eu estava sempre falando do passado. É estranho mas é muito sério. Um passado é um mar feroz e inconsolável! É um assunto que necessitava ser esclarecido. Comecei a falar sozinho. Quando ficava sozinho em casa, claro, pronto, começava a minha terapia, autoterapia, e Freud ia tomar um porre com tanta indagação, revelação e horror, porém, ele não estava lá- falo de Freud-, eu é que estava lá, sim, eu mesmo, eu cheio de passado, de memória, viajante do futuro. Eu descobri que deixei de viver o presente já fazia alguns anos. Quase chorei. Chorar é um prato comum e necessário em algum momento da vida, quando calhar de ser. É o choro, lágrimas que se libertam! Mas eu não chorei e fui andar pelo rio.

Depois resolvi beber, beber, beber, beber muito. Ressaca outra vez. Meu Deus, eu vim para pesquisar o não pertencer e me vejo fugindo para uma caverna não sóbria. O meu pertencer estava-se transformando numa mesa de bar, era isso, viver essa chamada realidade é ou não é pertencer? Meu Deus, até vitamina eu estou tomando. Muita vitamina. Vitamina para tudo. Uma chatice mas não tenho gripe!, e me sinto mais atacado no requisito comida. Acho que engordei! Tempo presente! Será que eu sou uma mulher? Fiquei-me perguntando. Essa questão quando aparece é tão sublime. Se fosse, iria comer todos os homens do mundo. Comer mesmo. Comer! Comer como se come uma poesia em dias chuvosos! Todos eles. Um dia comia feito torta de couve-flor, outro dia como um pastel de Belém e quem sabe como um pão de Deus quentinho! Comi outro dia e gostei. Estou falando que comi a torta de couve-flor. Uma hora eu vou fazer essa torta em casa.

Pronto. Travei. Não conseguia escrever nada, me mover, pensar, nada, nada! Nada!!!

Dias dentro de casa, fumava e fumava e fumava. Sempre repito três vezes alguma coisa, eu sou assim. Não, eu não sou assim! Não conseguia produzir nada, nada mesmo. Tentava escrever e nada, tentava fotografar e nada, tentava achar inimigos e não achava. Eu tento achar sempre inimigos quando não tenho nenhum obstáculo. Estou muito livre, muito mesmo, muito, posso ir para onde eu quiser. Não tenho horário, obrigação, nada. Eu vivo que nem um pombo esperto, só esperando a hora certa de voar, de comer, de “cagar na cabeça de alguém” menos prudente que anda pela rua. Eu estava bem doidinho e para piorar, eu precisava-me comunicar noutra língua que eu não dominava, digo: não falo nada. Ando com essa mania de o tempo inteiro colocar o “nada” na pauta, existem significados pra determinadas coisas, não tenho dúvida disso...e o “nada” é algo bom para pensar.

Bom, eu pensei que estava ficando doente, problema de cabeça. Lá vem Freud outra vez, Jesus! Jesus é apenas uma expressão para mostrar meu espanto diante da situação, se bem que Jesus é filho Deus, pelo menos foi isso que falaram para a gente, ou seja, estão na mesma família. Tome um pouco de serenidade, filho! Eita, que o medo da loucura rondava meus dias...Voltar para a crise... Eu em crise, melancólico, sem força, me sentindo o pior do pasto humano, eu duvidava de tudo, até do meu amor. Tanta coisa acontece quando a gente está em Rotterdam... Parece nome de peça de teatro. Lembrava de frases como um poeta tentando escrever algo profano sagrado! Acordava e pensava rapidamente em fazer um café com leite, um cigarro e correr para o banheiro, um método laxante do viciado em nicotina e de como despertar sofrendo por acordar e ser livre. A liberdade pode ser um exílio terrível! Inutilidade, essa é a palavra. Eu estava-me achando o maior de todos, inútil até no respirar.

O que vou fazer?

O que vou fazer?

O que vou fazer?

Preciso ler algum filósofo, sair correndo pelado no frio, beijar as mãos dos pedreiros do prédio. Esqueci, tinha vários pedreiros arrumando o prédio que há pouco tempo atrás pegou fogo. Existe fogo nos países baixos! Trânsito do palavrão! Teve um dia que fiquei rodando todos os bares da cidade, entrava, bebia uma cerveja e saía... Nada! Estava bem precário, eu, eu e meus pensamentos... Uma amiga que gosta de falar essa palavra; precário, precariedade... O motivo?

Quando foi que eu resolvi mexer nas bolas do meu palavrão, no dia que já não tinha nada pra fazer...? Saí de casa e fui caminhar, câmera na mão- eu sempre tive vontade de fazer filme mas o teatro me engole quando eu respiro. Saio andando e filmando o que via pela frente, precisava de algo, encontrei. Fiz um filme de um minuto, eu, eu cantando AC/DC, eu na beira do rio com cara de português melancólico, acho que eu sou português, eu gosto de fado, gosto de falar português, gosto de um amor português, e mais que isso, moro em Lisboa. Outro dia recebi uma coisa no facebook falando que quem nasce em Portugal é português e pronto. Ponto. Sou brasileiro. E agora? Fiz o primeiro vídeo e joguei na rede. Na rede é bom descansar!

Engraçado que eu vim para a Holanda para escrever sobre exílio, emigração, imigração, não pertencer e tudo foi-me engolindo. Certa vez, eu estava olhando para uma velhinha atravessar a rua carregando um carrinho de feira- ela iria para a feira, certamente iria- Meu Deus!!! Que imagem para a minha peça, encenação!! Não, a velhinha parecia um ser muito sozinho, aqui os velhos quando ficam velhos são levados para lugares onde só existem velhos. Eles vivem com os velhos, eles já não precisam viver com os “humanos” que andam apressadamente. Eles não podem andar com os humanos que andam apressadamente... Os velhos têm um ar tão genial e igual o ar das crianças. Os velhos e as crianças são livres, doidinhos e se machucam facilmente. Sempre têm uma perna quebrada, um corte na cabeça, uma gripe do nada e os olhos cheios de esperança. Velhos têm esperanças, os “humanos” que andam apressadamente não têm...

Fiquei nesse pensamento dias, pensando no exílio da vida, na idade que ninguém mais quer... Nunca quer. Lembrei do filme *A Balada de Narayama* do diretor Shohei Imamura mas em seguida assisti *Room* do diretor Lenny Abrahamson. Mãe e filho/filha, não sei, ela e ele viviam trancadas/trancados dentro de um quarto e nunca saíam. A criança nunca tinha visto a luz do dia, o céu no caso- criança quando descobre o céu, que magia! Mágicos deveriam existir só para crianças e velhos. E existem!

Meu Deus, o que é essa sensação de exílio sendo livre?

Exilar é um ato perturbador. Para quem exila talvez seja uma forma de matar o medo do não reconhecimento de si próprio em determinado território e para quem é exilado, é realmente algo perturbador, é como tentar mudar a imagem do próprio rosto através da memória. Que cruel, viver com saudade, não poder voltar é como a morte, talvez o exilado seja um morto que sente dor!

Eu vivo uma constante batalha no meu exílio humano, esse buraco chamado homem, artista, mulher, ser, eu sei bem que “*eu não sou daqui*” (nome de peça). Eu sou um exilado de mim mesmo, tenho muita desesperança e humor mas ando cansado, ando mesmo. Eu tenho que fazer alguma coisa, sei lá, fazer algo só para ter um pouco de dinheiro, um pouco mais que seja e poder comprar mais um par de sapatos, uma porcaria! Eu quero é beber e me drogar para ser de outro mundo. Que ilusão idiota! Que conclusão idiota! Que idiota! Existir é ser de outro mundo, sempre! Existir talvez seja ser idiota! Não gosto desse mundo careta infernal. Até o país em que nasci virou uma panela barulhenta, vazia e sem serventia. Nem vou entrar nesse foco de exílio que me espanta. Olhar o nosso rio secando e triturando nossas raízes, nossa bandeira mudando de cor, juro, é como aplaudir a morte antes da hora. Eu estava falando dos velhos. Gosto deles. Gosto mesmo. Adoro! Tem gente que acha engraçado. Desconfia da minha boa intenção. Gosto. Acabou.

Falar do não pertencer é fundamental nesse momento da minha vida. A vida e a morte são tão companheiras! Um casamento eterno e nunca se faz juramento, apenas o tempo como aliança matrimonial! Fé é uma bela ferramenta quando o barco afunda. Tenho certeza. Essa é minha encenação atual.

Saindo da Holanda, mudando de país, estou indo pra França. Logo na saída um tumulto, a Europa anda muito perturbada com quem não pertence aqui. Presenciei uma abordagem a um homem negro, ele chegou carregando duas malas, uma sacola, um computador, ele estava muito tranquilo ali mas os policiais chegaram e já pediram os documentos, abriram as malas do rapaz e fizeram aquele terror típico de quem vive amedrontado, os policiais no caso. O medo tomou conta deles, não sei se do presidente que não anda pela rua e não frequenta nenhum metro todos os dias. Talvez ele, o presidente, sintasse-se confortável em existir mas eles, os policiais que prestam serviço ao estado, esses, sem dúvida, estavam com medo, estão com medo! Eles morrem até de medo! Mas quem anda morrendo é o povo que não foi invadir terra de ninguém, o estrangeiro... Um dia eles também foram povos outros, sei lá eu! Isso ficou confuso.

Fiquei num bairro muito incrível. Era um lugar que tinha gente de muitos lugares do mundo, eu ficava com medo algumas vezes, até olhar pra alguém eu evitava. Será que se eu olhar meus joelhos vão explodir? Pensei muitas vezes isso mas nunca explodiu e com o passar dos dias eu já até arriscava um sorriso. O desconhecido pode causar uma enorme falta de inteligência e intolerância com o que não é parecido com a gente. A algumas pessoas eu perguntava o que era ser estrangeiro e a resposta era algo ainda mais vago, porque, na verdade, penso eu, ser estrangeiro é tão estrangeiro quanto quem acha alguém estrangeiro ou define como alguém estrangeiro! Não entendi essa frase mas vou deixar. Isso é uma forma de entender e pertencer. Talvez! Vai que uma hora eu entendo. Eu sou estrangeiro! Era apenas uma pergunta e nunca obtive uma resposta porque, talvez, talvez, não

exista uma resposta. Talvez ser estrangeiro é ser estrangeiro, nada mais. Não é uma doença fatal, um cometa destruidor, uma amante destruidora de corações, talvez mesmo seja isso: um estrangeiro.

Daí eu perguntava:

-Você é feliz aqui?

-Aqui onde?

-Aqui nessa terra? Porque se eu volto serei ainda mais estrangeiro, estrangeira. Determinaram uma fronteira e a gente acreditou. Denominaram, puseram a tal nomenclatura e a gente acreditou, acredita. Compramos essa ideia e reproduzimos como pragas e sem nenhum controle, é triste, mas é “humano”.

Onde dizia que depois daqui é outro país? Por terra, um passo e estou noutra país, o riscado, o risco, onde começa outra pátria?

-Pela língua!

-Isso é ser estrangeiro?

-Não falar a mesma língua.

-Acho que não sei.

-Bom, se você não sabe, Deus também não sabe e tem muita gente que não está nada interessada em saber. Portanto, seria melhor entender porque você quer entender ou falar do que é ser estrangeiro.

-Eu quero falar do não pertencer!

-Ah, mas aí não é território. Você não pertence porque não pertence!

-Talvez...

Fiz o segundo vídeo... Eu andando de bicicleta pela cidade... Chet Baker de fundo, uma cor PB estourada e eu andando em volta da poça de água que tinha numa praça... Antes eu fiquei sentado, antes de filmar, me filmar, fiz um cigarro, agora fumo cigarro de enrolar. Enrolei a parada e fumei. Um rapaz sentado ao lado, no banco ao lado, falava com a família pelo telefone, ele não era dali... Quando eu pensava que ninguém era de lugar nenhum, não, antes disso, quando eu pensava que fronteira era algo real e existia estrangeiro, eu percebia que não existia mais estrangeiro, nem eu era estrangeiro no meio dos estrangeiros, nem de mim mesmo eu era estrangeiro! A porcaria da rádio não sintoniza nem por decreto! Tentava eu encontrar uma rádio falando comigo mesmo. Vontade de fumar! Engraçado esse movimento, nicotina é uma droga muito indecente! Vamos lá! Preciso falar, escrever, pensar no que fiz nos últimos trinta dias.

Fiz o terceiro vídeo, eu no meio dos moinhos, do céu, eu na solidão, no dia nublado, muito exilado dos meus, do resto do mundo. Triste. Um pouco de suspense também. No ônibus, um casal tá rindo nas poltronas ao lado da minha. Estou no ônibus. São 18:35, estou no meio de algum país que

não identifiquei ainda mas se fala o idioma francês aqui. Já é noite. Deve ser Bélgica! Fiz o quarto vídeo, eu e meus espelhos, eu e minha identidade, ah, tudo isso quando descobri que eu vivia pensando no passado, falava do passado, ou só falava do que já tinha passado, tipo algo que aconteceu ontem...Estava bem complicado, estava mesmo, estava! Publicava, publicava os vídeos e ficava esperando os likes. Foi então que “Alice” saiu do país do inferno e percebi que eu estava ali pesquisando uma coisa pra mim, ou estava esperando que alguém curtisse o meu pretense vídeo arte/exílio/não pertencer.

Eu queria um abraço, vontade de gritar um palavrão, chamar por algum anão holandês? Palavrões! *Não existe anão na Holanda!* Escutei isso antes de sair da Holanda. Fiz a pergunta olhando pela janela da casa, olhando o tempo nublado, outra vez a palavra nublada, enfim, sacos de lixo que caem do céu! Fiz a pergunta e ouvi que se existe não é da Holanda, porque na Holanda não existe anão! Fiquei perplexo!

Bom, eu estava tentando ser estrangeiro e fazer poesia do que é ser estrangeiro, estava fazendo arte de uma realidade bem cruel e muito violenta! Ser diferente pode ser uma terrível praga para quem não quer ser diferente ou para quem não quer o diferente atravessando a mesma ponte. É um poço que vou ter que entrar...Afogado eu não vou morrer... Isso eu pensei. Acontece que se morre mesmo sem morrer. Eu entrava nos bares, aqueles bares, lembra, dos bares que eu bebia, bebia muito, muito? Então, eu entrava e todos me olhavam, era como se eu fosse o grande prêmio da noite. Me olhavam porque eu era estrangeiro, eles sabiam e queriam passar a língua nesse doce- o doce aqui sou eu- mas não passavam e eu me isolava. Não quero falar com ninguém. Quando pedia mais uma cerveja a voz era fraquinha, baixinha, essa criança que o nosso pudor ou insegurança faz aflorar nesses momentos, pois era assim. E mais cerveja, cerveja, depois da segunda e com meus olhos mais potentes, minha coragem mais agressiva, meu coração encontrando o batimento perfeito, aí sim, eu já até apostava na maquininha, bingo, ganhei dez euros uma vez, estava com sorte. Se eles estavam abismados comigo entrando, eu estava morrendo de vergonha de falar que eu era humano, que estava inseguro e me sentia inseguro, que é muito pior. Eu era um estrangeiro.

Eu sou estrangeiro, desculpa, eu sou estrangeiro, estrangeiro, eu sou, não fiquem com medo, eu não vou explodir, eu não vou vomitar, eu não vou contaminar vocês, eu não vou tomar o seu lugar no balcão do bar, eu não vou roubar sua família, seu salário, sua ignorância!

Um dia, um cabo-verdiano pagou uma cerveja para mim noutro bar perto de casa. Entrei e não tinha muita gente, tomei uma cerveja e sai para fumar. Entraram duas pessoas, depois foi entrando esse camarada e já brincou comigo. Não falava o mesmo idioma que eu mas falava minha língua, rimos na entrada, ele entrou e sentou. Eu terminei o cigarro e também voltei pro balcão. Pedi uma

cerveja e ele não me deixou pagar. Tem um povo que eleva o mundo! Ele pagou uma cerveja para mim. O camarada pagou uma cerveja! Obrigado, muito obrigado, muito obrigado mesmo!

Trocamos uma ideia e ele me disse que era da Holanda. No início falou que não era, que nasceu na Holanda mas que era do Cabo Verde. Os pais eram de Cabo Verde. Ele era holandês! Chegou um outro camarada, um senhor, estava bêbado e cheio de vontade de beber. Não bebeu. O dono do bar não deixou que a moça do bar servisse mais bebida para ele. Ficou triste- falo do senhor- mas teve que acatar a decisão do estabelecimento, se vira moda e os bares controlam a quantidade de bebida que cada cliente pode consumir, ingerir, não tenho dúvida que Batman vai ter que mudar de nome. Bom, vendo isso, eu fui para outra parte do bar e sentei numa cadeira próximo de uma mesa, eu estava sempre sozinho. Percebi que ali era um lugar típico de quem não era do país, ou frequentado por quem não era do país. O lugar tinha livros, instrumentos musicais, homens jogando cartas, poker, talvez fosse um passatempo, homens gostam de jogos. Homens precisam de alguém para perder e para ganhar, não sabem dividir nunca. Homens são estrangeiros? Desci para fumar um cigarro e me deu uma sensação incrível de liberdade, de vida! Estou no ônibus e Paris logo chega. Tempo presente. Parece que estou vivendo o tempo presente. Muita gente no ônibus. Será que são todos estrangeiros?

Teve um dia que fui jantar num barco que fica em Rotterdam, um navio, barco, algo muito antigo que transformaram num restaurante. O restaurante é chinês mas lá tem tudo que é comida. Não entendi muito bem o menu- ou que eles queriam passar como menu- mas comi, e comi muito, bebi muito, muito de tudo. Depois, fui na minha bicicleta para outro bar e bebi um pouco mais. Beber é algo estrangeiro? Eu senti dessa vez que vim pra Holanda que nada era muito novidade, olhei o nada de novo mas a verdade é que eu já não olhava tudo aquilo com os mesmos olhos. Foi diferente. Diferente é ser estrangeiro? Em que lugar eu pertencço? Ah, eu fui à praia também... O bom disso tudo é que tudo se transformou num único tema. Ser estrangeiro é ser exilado, ser exilado é ser estrangeiro, ser emigrante é ser estrangeiro e ser estrangeiro é ser emigrante e isso vale para imigrante, não pertencer, corpos que nascem em corpos que não se reconhecem como identidade no corpo que possui. É um ventilador cheio de estrangeiros jogando para o ar alguma pergunta estrangeira. Viva!

O que é ser estrangeiro? Eu gostava quando acordava de manhã e abria a janela... Todos os dias vinha aquele vento gelado e limpava minha cara, abria meus olhos. Olhava para o lado esquerdo e via a ponte levantar pra um navio passar... O apito do navio é algo tão romântico. Eu gostava! Eu gosto! Também fui conhecer uma feira de produtos para manicure que tinha até cera pra depilar, tipo uma argila que derretida arranca os pelos sem nenhum sacrifício. Ficar lembrando do que fiz nesses trinta dias, não sei, é tão gratificante...Queria ter ido pra Amsterdam mas não fui dessa vez, era

como conhecer do mesmo, preguiça. Ah, choveu muito esses dias. Cenas de quem vive onde não pertence...

E o dia que o pedreiro tocou no apartamento que eu estava hospedado? Realmente, juro, foi algo quase de filme. Ele queria entrar e eu queria saber quem ele era, ele não falava nada parecido com o que conhecia como idioma e eu estava reproduzindo o mesmo para ele. Ele falava, no idioma dele, claro, e eu falava no meu. Não tem tradução, eu até posso falar o que eu falava mas não vai rolar, digo, resolver a questão.

Ação. Como no teatro, uma coisa que leva outra, que explode outra, que abre caminho pra outra. O jogo e o que desencadeia outras e outras, uma encenação do *Casulo*... Eu abri a porta, ele entrou, o pedreiro, e fez o que tinha que fazer. Ele foi rápido e, com um sorriso na cara, ele saiu do apartamento. Eu até hoje não entendi mas ele mediu o tamanho da janela do quarto. Poderia ter acontecido tanta coisa. É sério, o pedreiro poderia pedir água, poderia desmaiar quando tomasse a água, ele poderia sentar na pia e cantar. Eu deveria ter mostrado meu corpo pra ele, perguntado se ele gostava de pau de homem, daí ele enfurecido abriria a geladeira, pegaria alguma garrafa de vinho pela metade, quebraria o fundo da garrafa e tentar-me-ia matar. Ele poderia até me beijar, aceitar meu convite pra andar de mãos dadas pelo parque e então eu iria descobrir que ele era alguém que eu conheci há alguns anos atrás, sei lá. Não aconteceu muita coisa mas poderia, tudo pode, até ser estrangeiro. O teatro é muito maluco! Uma professora brasileira vinha toda semana à casa onde eu estava, ela ensinava holandês para a dona da casa. Era divertido mas eu nunca ficava até o fim da aula. Subia para o meu quarto e lá ficava pensando no que eu iria fazer da vida, no que estava fazendo da minha vida, não era algo bom. Não era! Estou adorando essa viagem!

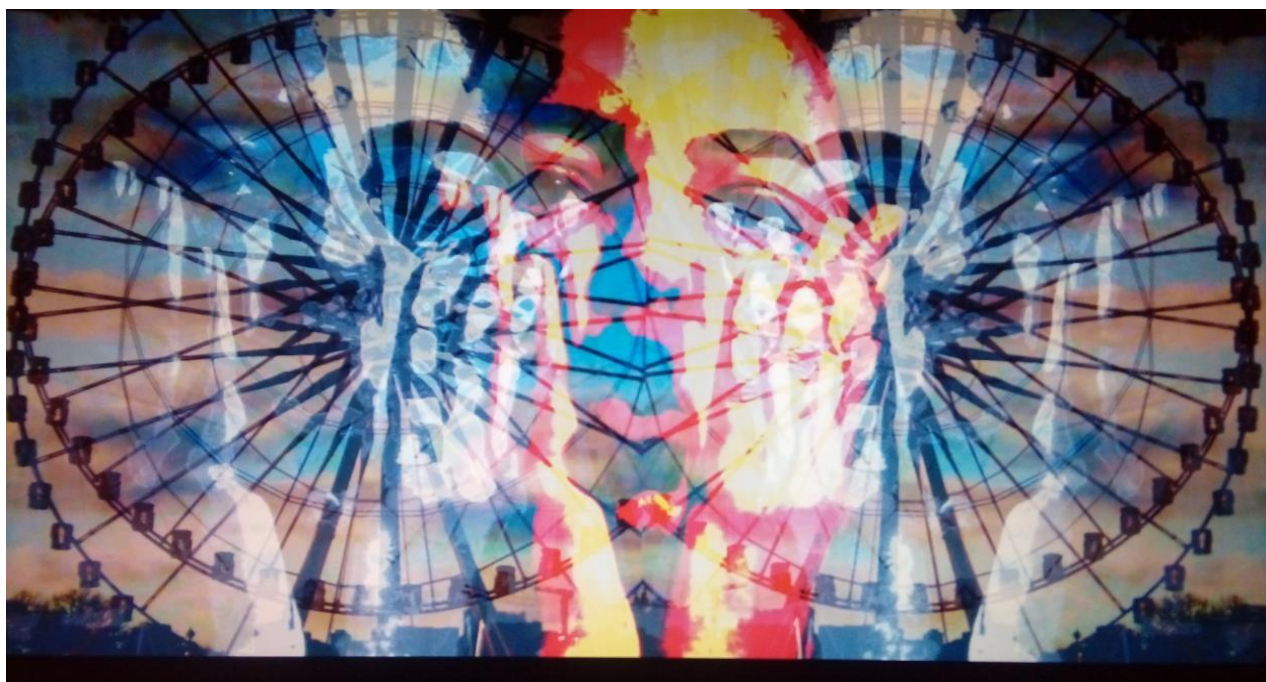
Senti saudade de Lisboa alguns dias, de Madrid também...Escrevi um poema, depois escrevo ele aqui... Bem que eu podia escrever um roteiro para cinema. Cinco meses, cinco cidades e eu! Quando não me sinto no lugar, quando eu não me vejo no lugar, quando eu fecho a porta pra não correr o risco de não ser reconhecido, eu, eu mesmo, fico-me sentindo muito sozinho. Não pertencer é se sentir sozinho?

Ficava todos os dias tentando encontrar um fio para começar a escrever uma peça nova de teatro. Queria concluir a trilogia de algo que comecei... O nome eu já tenho. "O nome eu já tenho" é um bom nome, acabei de pensar nisso. Pensei num diretor entregando uma mala na cena inicial. O diretor seria a personagem da história. Ele era estrangeiro, não o encenador/encenador, mas o ser que o encenador representa e que o ator iria representar. Então, o ator pegaria a mala e iniciaria a história do homem encenador. Pensei também em dirigir uma atriz e a história seria isso, ele tentando encenar a própria história dele, que na história seria ela, uma identidade trocada, e isso seria um caminho. O caminho é ser estrangeiro? Identidade trocada é ser estrangeiro? O que é ser e não

pertencer? O casulo se preparava para um nascimento, eu me preparava para a guerra que assolava esse meu encontro desconhecido com o que se tornava minha estrada, minha arte.

Antes de chegar a Paris, pelo menos uma vez por semana falava com o homem que ia alugar o apartamento em Paris. A primeira vez fiquei falando mais de trinta minutos, ele me contou uma porrada de coisa, eu contei outras tantas. Ele era do meu país em França de Artaud, morava noutro país, morava em Paris, até rima. Me falou que tem um filho, que o apartamento é de um amigo dele. Ontem ele me falou que o dono limpou o apartamento, tão engraçado isso... Limpeza! Limpeza é algo estrangeiro? Pessoas limpam lugares... Hoje tem liga dos campeões, gosto de futebol!

Alguns dias me senti muito triste. Pensava que tudo tinha perdido o encanto, fiquei exilado em mim mesmo, uma grande prisão se apoderou de mim, me sentia cego. O tempo não ajudava, nem o tempo que eu pensava em ficar no país e nem o tempo do tempo, da natureza. Tudo muito cinza mas um dia o sol apareceu. O sol sempre aparece. Assim é! Sair de Rotterdam foi simples. Imagens. Não falar mais do passado. Não falar. Não falar mais. Não falar mais do passado é o propósito. Em algum momento alguma recordação há de aparecer. O piano... Chopin...



FRANÇA

Voltei tentando encontrar o caminho de casa, da casa provisória, e a cada passo dado eu me perdia um pouco mais... Roda-gigante do que chamamos cidade luz! Aqui se vive o glamour como se fosse um desfile de moda.

Entrei no território com uma estrada parada. Trânsito, cidade que não cabe mais de tanta pressa. O mundo e suas bandeiras. Tudo vive por aqui. Escrever imagens, situações numa forma transitória de personalidade, o que pode ser uma personalidade/carácter de uma pessoa nos momentos limites ou no limite de desequilíbrio. Dramaturgia do nervo, sistema nervoso. Não é o absurdo mas é encontrar uma via de experimento para um conjunto de ações que transmita uma situação ou sentimento através dessa chamada dramaturgia nervosa e avariada. Situações de controle e descontrolado. Corpo e pensamento que se desligam, que param de se comunicar. Como isso pode acontecer se o sistema nervoso é controlado pelo pensamento, pela neurologia de cada pessoa? Lá vem o sistema, o nervoso, o sistema nervoso dos nervos, choques, choques, choques elétricos. Neurodramaturgia - o que é isso? Neurodramaturgia é estrangeira? O ser particular se configura como ser numa redoma social com uma identidade cultural. Você carrega o estigma do lugar de onde veio. Que mundo estúpido. Você não pode ser você com nome e identidade. Sua identidade é brasileira, ou seja, carnaval e futebol. Você é francês, vinho, comida, mal humor. Exemplos. O que é exemplo? Exemplo é ser estrangeiro?

O estrangeiro por sua natureza não é proprietário do solo, e o solo não é somente compreendido no sentido físico, neste caso, mas, também, como uma substância delongada da vida, que não se fixa em um espaço específico, ou em um lugar ideal do perímetro social. Nas relações mais íntimas de pessoa a pessoa, também, todas as atrações e significâncias possíveis no cotidiano das experiências simbolizadas podem revelar o estrangeiro. O estrangeiro é sentido, então, precisamente, como um estranho, isto é, como um outro não "proprietário do solo". Esta informação dá o caráter simbólico da mobilidade do estrangeiro no processo de intermediação comercial e, freqüentemente, o encasula em uma espécie de sublimação, na pura arte da transação monetária. Este é um processo que ocorre no interior de um grupo circunscrito, que vivencia a síntese da proximidade e da distância, e que constitui e estabelece a posição formal do estrangeiro no socialmente circunscrito. O estrangeiro é visto e sentido, então, de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais. De outro lado, a expressão para esta constelação de significados encontra-se na objetividade do estrangeiro. Porque este não é determinado a partir de uma origem específica para os componentes singulares de um social, ou para as tendências unilaterais de um grupo. Vai além, faz frente a estes com uma atitude particular "objetiva", que significa não uma simples distância e indiferença, mas um fato especial da distância e da proximidade. Fato especial dado pela relação ambígua entre insensibilidade e envolvimento. Refiro-me a esta alegação para designar as posições dominantes de um grupo estrangeiro, no momento do seu surgimento nas cidades italianas, onde os juízes legislavam para fora, porque ainda não se encontravam presos à vergonha vicinal, e estavam livres dos interesses da família e dos partidos. O advento ambicionado se vincula, também, à objetividade do estrangeiro, que certamente e, contudo, não exclusivamente, a ele melhor se aplica. Objetividade que é dada e que, freqüentemente, causa surpresas e designações, e até um caráter confecional, que muitas vezes parece ser retida com uma espécie de cuidado íntimo.

(Simmel, 1908: 509, 512)²

Há quase 7 dias em Paris... Muita coisa internamente acontecendo. Tentei uma investigação sobre não pertencer e a cada dia descubro que o mundo de fora se perde dentro de mim. Eu sou essa investigação. Sou? No primeiro dia, eu fiquei em casa e já me comuniquei com algumas pessoas. Estive com uma amiga com quem não falava há muito tempo, fui ao mercado, comprei vinho, cigarros e fiquei em casa. Na casa que aluguei.

Acordei no outro dia pensando em escrever, não escrevi. Encontrei uns... Paris é um filme numa peça de teatro. Quero escrever tudo.

Cheguei no meio do trânsito. Cheguei numa cidade fria e cinza. Cheguei à meia noite. Encontrei uma porta aberta, um bairro cheio de contrastes. Uma língua que não era minha. Fiz almoço, convidei amigos. Saí com os amigos e fiquei num bairro da cidade ainda mais cheio de diferenças, gente de toda parte e muita coisa para pensar. Paris volta como um terremoto dentro de mim. "Guarda-chuvas de Paris e suas putas chinesas", nome do livro que quero escrever. Essa é uma Paris que se mostra com todo o frio do outono.

Encontramos pessoas, bebemos, falamos e voltei sozinho pra casa. Voltei tentando encontrar o caminho de casa- da casa provisória- e a cada passo dado eu me perdia um pouco mais, o que eu estava buscando que não encontrava? Era uma pergunta. Me perdi no trajeto de volta para o lar provisório, era o esperado. Pedi informação, me diverti não sabendo falar o idioma local. Uma

² SIMMEL, George (1908), *Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação*, Berlim, Duncket e Humblot Editores, 2005

vontade não controlável de urinar veio e eu procurei um sítio para mijar, mijei! Não gosto da palavra urinar! Acho bem feia!

A noite da cidade vibrava ainda mais e eu continuei o caminho. Cheguei em casa me perguntando ainda mais o que eu estava fazendo ali. Romântica essa ilusão de chegar à cidade e pensar que essa cidade é o lugar perfeito pra morar. O tempo diz sim e não ao mesmo tempo. Eu queria encontrar um abraço que ficou há alguns anos no tempo, na memória. Dormi. No dia seguinte eu saí sozinho, caminhei e quando cheguei ao mundo dos carros e das pessoas, eu, que precisava de tempo para meu tempo, eu mesmo, fiquei parado numa esquina sem saber o que fazer e pra onde ir. Pensei e voltei pra casa. Estava com medo.

O medo é estrangeiro?

Outro dia... Liguei para uma amiga- a mesma do primeiro dia, o dia que cheguei depois do trânsito, a mesma que falei pela internet. Ela veio ao meu encontro e saímos andando sem destino certo. Andamos e andamos e resolvemos voltar para o lugar de onde ela tinha saído, isso parece querer voltar sempre. Passamos antes no mercado e compramos vinhos, queijo, pão e fomos pra casa dela. O jantar era preparado e na minha cabeça vinha uma vontade louca de querer pular pra fora do universo humano, mais uma taça de vinho e tudo foi mudando, agora já existia uma fantasia romântica. Pensei em enlouquecer. Dias, dias, noite fria e o aquecedor que não funcionava. Mais vinho, que fantástico é o mundo e seus sabores, o sabor do vinho, do queijo, tudo durante esse encontro do paladar com o vinho, com a vida.

Vamos enlouquecer?

Como?

Sei lá!

Como você quer enlouquecer?

Mão sei.

Vamos entrar num site que todo mundo enlouquece...

Site?

É!

Como se chama?

Coco!

Coco como coco?

Isso.

E o que tem nele?

Tudo.

Tudo o quê?

Tudo! vou colocar aqui que a gente quer enlouquecer, experimentar substâncias ilícitas... vamos ver...

Mas e aí?

Aí quem tiver na onda vem até aqui e divide a loucura com a gente...

Aqui em casa?

Aqui em casa... isso aqui é comum... aprendi com as travas...

Travestis?

Sim, elas conhecem tudo, então se você tá sozinho, quer companhia, quer sexo, droga, álcool, companhia, apenas conversar, seja o que for, aqui tem. É muita gente no mundo amigo, é muita gente querendo dividir a poesia de ser... de não pertencer...

Qualquer hora?

Qualquer hora... vamos comer?

E depois...

Depois a gente espera um sinal, vai que alguém entra e aceita nosso convite...

Boa!

É...

Daí veio mais uma garrafa de vinho, o tempo gelado, o sono. Acordei de manhã e fui embora. Passei do ponto, do metro e da bebedeira. Tentei me organizar mentalmente e entender onde estava-estava em frente ao meu prédio, em frente ao lar provisório. Entrei e fiquei parado por um instante. Fiz um café. Fui ao banheiro, acendi um cigarro. O dia já dava sinal que acabava, do fim, eu não percebia nada... Fim de semana tem jantar na casa de uma amiga, pessoas, não muitas, mas eram pessoas...

Noite do jantar, cheguei e me deparei com um ser não comum aos olhos dos conservadores "malditos". Ele-ela-ela era irlandês, é ainda. Mora na cidade há sete anos, não se reconhecia no corpo masculino, ficou feminino e gostando do sexo que era oposto. Agora é feminina e gosta do mesmo sexo, de fêmeas humanas, tentei pegar no pé dela, tinha achado bonito seu sapato, ela prontamente reprovou minha atitude...

Não me toque!

Como?

Não me toque!

Ah... tudo bem...

Sem problema...

Quer dançar?

Não, não, não!

Eu saí e fui comprar mais vinho. O tempo me mostrava que o tempo tinha mudado, que eu precisava entender sem sofrer, um não, isso mesmo, um não, veja, não é o fim dos tempos, um não e ponto. Saí da festa, do jantar e do pé proibido. Fui ao encontro de outro universo renegado, entrei num táxi e logo percebi que a noite seria fora dos padrões familiares... O taxista me oferece substâncias ilícitas, ilícitas pra quem? ah, pelo menos para quem dita a regra do mundo- e não estou falando de Deus, religião ou algo invisível- é substância que por lei é proibida ao consumo mundial. Eu digo que não falo o idioma local- estou falando do taxista-, ou melhor, falando para o taxista que não falo o idioma, nada feito, ele entendia tudo, eu também entendi, olhei pela janela do carro e através dela tentava resgatar uma sensação daquela Paris que via nos filmes, que lia nos livros, do sonho, da primeira vez que estive na cidade, da segunda vez, da terceira...

Cheguei ao endereço. Uma casa, uma porta, duas pessoas, duas pessoas que eram tudo, homem, mulher, homem e mulher, outros gêneros. Peitos, paus, vodka, substâncias ilícitas e clientes que entravam e saíam do local. Eu não podia ser visto, eu deveria-me esconder na cozinha, perto do fogão, sim, perto do fogão que tinha sobre ele uma panela e dentro da panela uma sopa de cenoura e batata. O fogão é um bom lugar pra se esconder e o álcool me levou pro sonho de um dia, algumas horas talvez. A dona-dono-dona, outro gênero, ela-eleela ligou a internet e começou falar com uma outra criatura que vive na Irlanda, no jantar onde eu estava, veja só, a dona do pé também era Irlandesa. Aqui era apenas um conexão via skype mas estava na Irlanda e queria contestar tudo que eu falava. Ao mesmo tempo, ela também falava que estava com sono, ela queria participar da festa, ela era uma garota com pau, peito e cheia de razão, era o mundo dela, era a defesa dela mas o sono veio e ela dormiu, eu continuei bebendo vodka.

Um cliente da travesti chegou e eu me escondi. Foi incrível! Fiquei ali algumas horas sozinho na cozinha, observava uma mulher deitada no sofá da sala, o silêncio, a fantasia, o desejo e a fome acontecia no quarto da dona da casa. Eu dormi ao lado da mulher que dormia no sofá, acordei depois de algumas horas, não muitas, percebi que minha cabeça rodava e uma ressaca monstruosa me mandava ir para casa. Não pensei, nem conseguia pensar, fui, sai pela gelada Paris de outono, abri a porta, virei a esquina e me deparei com a torre eiffel. Que sentido tinha tudo aquilo? Olhava para ela e nada, nada, apenas uma sensação de que precisava chegar em casa, precisava sobreviver ao dia anterior e a ressaca presente, peguei o metro e fui contando os passos, as estações no caso, fui e cheguei em casa, quase morto, vivo estava mas era apenas um lapso de homem vivo. Dormi todo dia e despertei sem sentido pra vida.

Querida ir embora, fugir dali, voltar para o berço familiar. Meu território não era aquele, minha vida não era aquela, aquele homem deitado na cama não era eu, estava tudo fora de ordem, fora da

chamada realidade dos homens. Peguei meu telefone e vejo uma mensagem, uma amiga, a do jantar da noite passada me chamando pra tomar uma cerveja, fotografar guitarras, ou seja, estava explodindo e precisava fazer esse jogo social, com afeto, é óbvio. Fui, fiz tudo isso, ouvi músicos tocando, gente falando, fotografei e resolvi voltar pra casa. Estava com medo de mim, da rua e do invisível, era o monstro maior, o diabo sem calça no frio. Era um caminho que precisava voltar, passar, eu estava frito comigo mesmo. Voltei pra casa, dormi outra vez, acordei pela manhã pensando que tudo estava errado: eu era o estrangeiro, eu era o território, eu era a fronteira, eu era quem menos pertencia a mim mesmo, eu era outro que não eu mesmo. Lembrei do sapato da trans, do toque, do olhar de pavor dela ao toque masculino, eu lembrei que precisava me procurar outra vez. O dia de pânico!

Os dias seguiram...

Caminhadas pelo parque, ruas, outras tantas ideias de construir um novo método de vida...Bares...Noites com músicas, apartamentos abarrotados de gente e instrumentos musicais...Frio. Chuva.

Um dia, saí andando pela rua, queria olhar os monumentos, peguei o metro e fui ao Sena. Chovia, pouco, depois foi ficando mais forte. Era bonito olhar a cidade coberta por um manto cinza. Parecia lágrimas de alegria- falo da chuva!

Meu aniversário se aproximava e no dia anterior, antes da meia noite, eu saí e fui ao bar que ficava perto de casa, bebi, pensei na vida, na idade, no tempo, depois sai bêbado, na porta encontrei um músico e ele me ofereceu uma canção de presente no meio da rua. Ele tocava e eu dançava na madrugada gelada, dançava numa rua qualquer de Paris. Pessoas foram chegando e se divertindo e logo aquela rua ficou repleta de gente dançando. Feliz aniversário, eu dizia pra mim mesmo, feliz aniversário! Levei uma amiga pra casa, ela precisava comer, estava passando mal com o álcool ingerido, doses que acalmam e que enlouquecem. Viver também é assim.

Novembro em Paris foi incrivelmente belo e distante. Um bolo de aniversário cheio de dúvidas, momentos solitários, essa solidão que muitos não suportam. O viver em silêncio é uma boa alternativa pra se descobrir numa nova festa. Ano novo, ano novo... E agora? Era o momento de sair da cidade, de mudar de território, fui para Madrid. Um voo que ficava acima das nuvens!



ESPAÑA

O tempo passou e quase não existe mais um afago, alguém para delicadamente pentear os cabelos que ficaram brancos.

Madrid estava repleta de sonhos mas eu estava cansado, a viagem já não tinha mais propósito. Eu que passei todos esses meses buscando entender o *Casulo Bárbaro* do não pertencer. Estava mais convicto que ele existia dentro de mim e não em nenhuma terra desconhecida. Foram dias de silêncio e reflexão, dias sozinho em silêncio em que fotografava a cidade como que pedindo socorro, andava pelas ruas como que se necessitasse sair daquela cidade urgentemente. Outra língua, outro ritmo, nada era nada, não existia mais diferentes seres, prazeres, os medos eram os mesmos e as angústias também. O frio mais presente e eu me deparei com o passado/presente. Foi rápido até decidir que deveria voltar pra Lisboa.

Estava cheio de planos, queria construir muita coisa mas nada acontecia.

Um dia cheguei a casa de um amigo, oitenta anos ele tinha- sim, eu tenho um amigo de oitenta anos. Ele estava triste, parecia emocionado, se sentia muito sozinho no mundo. A sua irmã tinha falecido, ele segurava uma pen drive com fotos do aniversário dela e pediu para que eu colocasse no computador pra ele ver. Fi-lo e me deparei com um homem sendo engolido pela memória, pela falta e pela vida solitária. Um choro contido, um choro de menino velho, de homem que sabe que o tempo

passou. Foi muito forte tudo aquilo. Muito forte. Fiquei muito abalado, pensei na minha vida futura, tentei consolar aquele coração emocionado e sem nenhuma defesa.

Logo depois, ele me revelou que o dono do apartamento onde ele mora há alguns anos, tinha pedido o apartamento de volta. Agora ele teria que procurar um novo lugar para viver. Ele teria que deixar o local e assim, a vida, que aos olhos dos homens e seus interesses acaba por deixar de ser generosa, manifestava um outro exílio naquele momento, um não pertencer real, o exílio social, afetivo e sentimental. Ele estava frágil, seus cabelos brancos sabem mais que ninguém como é a história do abandono total. Aos oitenta anos ele precisava mudar de lugar, buscar uma nova moradia, encontrar um novo modo de vida e um novo bairro, encontrar um novo lar e se adaptar à nova vida do velho corpo/mundo que se faz presente!

Fiquei alguns dias preocupado e pensando nisso, procurei casas para ele, anotava telefones, sentia que precisava fazer algo mas mais importante- sabia que o que ele mais precisava naquele momento era não se sentir só. Não podia ser sozinho, não naquele momento, e pensava: como a gente inverte, mesmo sem querer ou perceber, quase no mesmo grau uma velhice pela infância. Para além disso, como é que na infância, nós encontramos a velhice em algum momento da vida. Nós ainda precisamos de cuidados, como crianças somos criados e papericados pela família e na velhice existe essa inversão de tudo, a dependência do outro aparece outra vez, mais forte que quando criança mas sem o cuidado e com um selo de quem se tornou velho no corpo, no tempo que passou. E essa troca de cuidado fica invisível, o abandono é um atestado do fim.

Deus! Comprei minha passagem de trem.

Saí de Madrid com a sensação de lugar perdido, de exílios, de anciões exilados, abandono no território que nasceu, o tempo passou e quase não existe mais um afago, alguém para delicadamente pentear os cabelos que ficaram brancos. Talvez isso seja o significado da saudade. O tempo que se desfaz com tempo e sobra apenas alguém sentado numa poltrona, sozinho, escutando Chopin e esperando que apareça alguém para lhe pentear os cabelos delicadamente...

Lembrei de um poema de Álvaro de Campos:

CUL DE LAMPE
*Pouco a pouco,
Sem que qualquer coisa me falte,
Sem que qualquer coisa me sobre,
Sem que qualquer coisa esteja exactamente na mesma posição,
Vou andando parado,
Vou vivendo morrendo,
Vou sendo eu através de uma quantidade de gente sem ser.
Vou sendo tudo menos eu.
Acabei.*

Pouco a pouco,
 Sem que ninguém me falasse
 (Que importa tudo quanto me tem sido dito na vida?),
 Sem que ninguém me escutasse
 (Que importa quanto disse e me ouviram dizer?)
 Sem que ninguém me quisesse
 (Que importa o que disse quem me disse que queria?),
 Muito bem...
 Pouco a pouco,
 Sem nada disso,
 Sem nada que não seja isso,
 Vou parando,
 Vou parar,
 Acabei.
 Qual acabei!
 Estou farto de sentir e de fingir em pensar,
 E não acabei ainda.
 Ainda estou a escrever versos.
 Ainda estou a escrever.
 Ainda estou.
 (Não, não vou acabar
 Ainda... Não vou acabar.
 Acabei.)
 Subitamente, na rua transversal, uma janela no alto e que vulto nela?
 E o horror de ter perdido a infância em que ali não estive
 E o caminho vagabundo da minha consciência inexequível.
 Que mais querem? Acabei.
 Nem falta o canário da vizinha ó manhã de outro tempo,
 Nem som (cheio de cesto) do padeiro na escada
 Nem os pregões que não sei já onde estão —
 Nem o enterro (ouço as vozes) na rua,
 Nem trovão súbito da madeira das tabuinhas de defronte no ar de verão
 Nem... quanta coisa, quanta alma, quanto irreparável!
 Afinal, agora tudo cocaína...
 Meu amor infância!
 Meu passado bibe!
 Meu repouso pão com manteiga boa à janela!
 Basta, que já estou cego para o que vejo!
 Arre, acabe! Basta!

(Campos, 1997:129)³

³ CAMPOS, Álvaro de (1997), *Livro de Versos*, Lisboa, Ed. Estampa



BRASIL- A RIFA

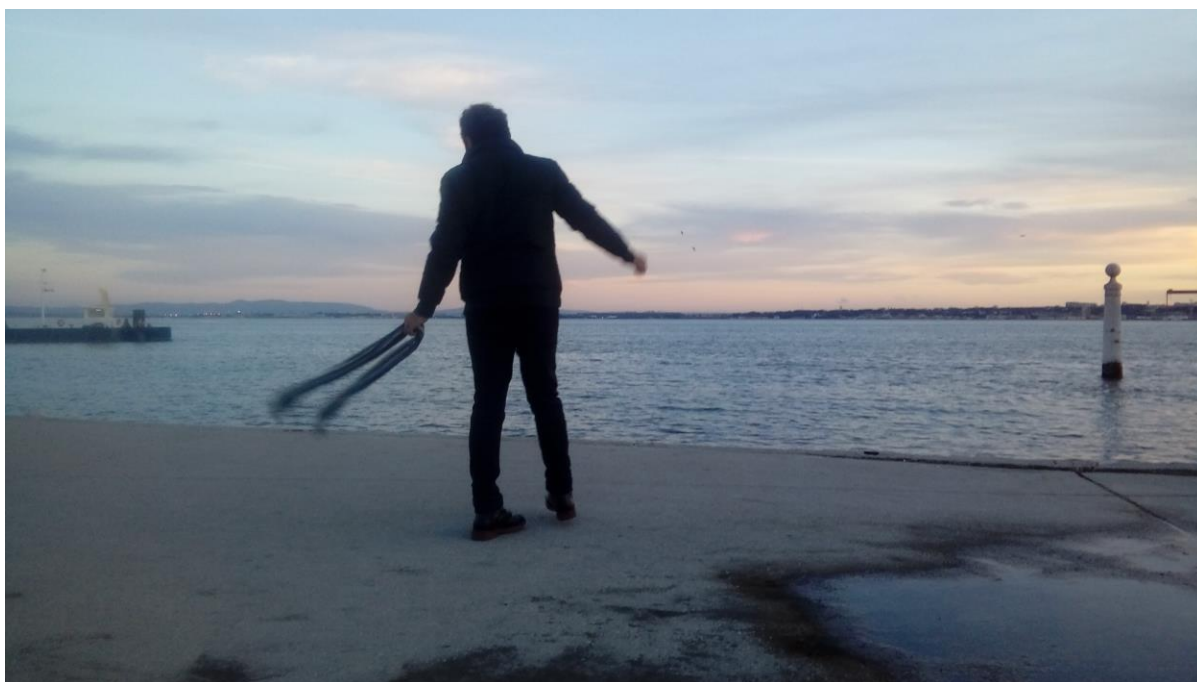
Assim eu conseguia o lugar na plateia, era uma troca justa, tinha meu bilhete gratuito para sonhar.

Estou no Brasil, calor, estou do outro lado do oceano. Família, amigos, afetos, sonhos, parece que cheguei ao meu ponto final da viagem, a cura, o não medo! Isso eu pensei mas não é o que está acontecendo. Fui para casa dos meus pais no interior do estado, uma cidade pequena, uma cidade muito diferente da que eu imaginava nas minhas recordações. Tudo mudou, aquela cidade já não existia mais, nem meus amigos eram os mesmos, nem minha família, tudo tinha virado outra coisa. Eu voltei e me reconheci estrangeiro, desconfortado e surpreso.

O vizinho fez uma rifa. É como um jogo: pessoas compram fichas e apostam, quem ganha mais fichas escolhe pedaços de carne, carne de vaca. A rifa era de uma vaca. Eu me ofereci pra ajudar no bar, queria recordar um pouco de quando eu era criança, recordar sempre ajudava. Queria recordar de quando não tinha dinheiro pra assistir a apresentação do circo quando chegava à cidade, assistir o grande espetáculo da terra- para mim, uma criança de oito anos, era o grande espetáculo da terra. Chegava uma trupe nova na cidade e lá estava eu. Me oferecia pra vender pirulitos e andava toda cidade atrás do palhaço do circo gritando: Hoje tem espetáculo? Me respondia: tem sim senhor!!! Assim, eu conseguia o lugar na plateia. Era uma troca justa, tinha meu bilhete gratuito para sonhar. Eu na plateia sonhava com os palhaços, trapezistas, a mulher que era cortada ao meio, eu ali já sonhava com esse palco que veio em

algum momento me salvar, me construir no teatro. Viva! Eu na rifa também me sentia sonhador, ficava vendendo a bebida, servia aquelas pessoas que não eram mais as mesmas que eu conheci quando era criança. As pessoas jogavam, gritavam, gargalhavam, elas iam ficando alcoolizadas, o calor era monstruoso, e eu observava com uma certa ternura tudo aquilo.

O tempo passou... Voltei pra capital do estado, levei comigo um grande vazio. Recordações. Um receio de voltar para a Europa. Um receio de ficar na minha terra, um receio de não encontrar mais um caminho, um lugar. Eu não era mais daquele lugar... E agora? Eu era um ser de onde? Roma aparece mais visível na minha cabeça. Roma precisa mudar de território. Roma é artista, Roma precisa sonhar com o mundo.



PORTUGAL - ORIGEM DA MÚSICA SENTIMENTAL ESTRANGEIRA

Não posso como artista, como humano, reproduzir mais uma vez na vida essa distância tão presente entre esses dois povos, países do mundo.

Foram dois anos. Encontrei no mestrado uma nova esperança. Me sentia vivo, queria novamente fazer teatro, escrever, encenar, ser o artista que em algum momento deixei de lado. O Professor Doutor, e hoje meu orientador, Armando Nascimento Rosa foi durante todo percurso do mestrado, nos momentos mais perturbadores, sem dúvida, um grande mestre. Sempre muito atencioso, generoso, me guiava com sabedoria, ensinamentos,... Encontrei um amigo para a vida.

Dois anos descobrindo novas fronteiras, conhecimentos, trocando experiências com os meus colegas, aprendendo novos olhares com meus professores, percebendo que meu diálogo com o teatro vibrava noutra esfera e estava vivo. Um período que me permitiu muita coisa, me permitiu experimentar, me desconhecer e que me fez sentir ainda mais estrangeiro. Não foi confortável quando decidi falar do não pertencer- isso no primeiro ano do mestrado quando percebi que em Portugal eu me sentia muito estrangeiro. Eu estava ainda mais fora, era perceptível no dia a dia, nas relações com as pessoas e enxerguei muitas vertentes disso.

Lembro que quando ia alugar um quarto para morar, as pessoas quando escutavam meu sotaque, percebiam que eu era brasileiro, pronto, já colocavam imensas dificuldades. Era doloroso me deparar com a ideia que eles tinham do brasileiro. Era uma imagem e uma forma de perceber o brasileiro que me incomodava muito, mais que isso, nunca era algo bom, era sempre negativo o que falavam. Algumas vezes fui uma espécie de educador para essas pessoas, não por arrogância da minha parte

mas por não me reconhecer no conceito que elas acreditavam. Tentava mostrar que não era saudável uma nação ser qualificada pela atitude ou caráter de meia dúzia de pessoas, que eu era um camarada sério e responsável, civilizado, educado- mas isso não mudou. Minha memória me jogou para o Brasil, quando eu morava no meu país e tinha por vezes que presenciar e escutar piadas sobre portugueses, e percebi onde a intolerância reinava.

Casulo Bárbaro era um filhote pedindo pra nascer. Até hoje encontro esse muro que separa essas duas nações e não é raro. Afirmo que diariamente me deparo com um comentário racista, xenófobo ou algo do tipo. Tudo isso foi criando outra dimensão quando comecei a pesquisar para escrever meu texto anterior *Eu não sou daqui* (2017) e a realizar o espetáculo como trabalho final do primeiro ano de mestrado. Minha ideia era juntar artistas portugueses e brasileiros no mesmo projeto e não tirar a particularidade criativa de nenhum integrante, como também conservar os dois sotaques num mesmo espetáculo e criar essa terceira melodia “língua/sotaque” sem rejeição. Não posso como artista, como humano, reproduzir mais uma vez na vida essa distância tão presente entre esses dois povos, países do mundo. Vejo e constato muitas vezes que toda essa distância bárbara é alimentada não só por parte da população, mas também por parte de alguns artistas, seja em Portugal ou no Brasil. Isso é presente, real e, sem dúvida, um mar sem serventia. Mas é assim, aqui deixo meu relato.

SEGUNDA FASE: CAPÍTULO 2- UMA DRAMATURGIA QUE CHORA UM LUTO, UMA NOVA TERRA. ME CHAMO ROMA



Eu vou me jogar no mundo enxugando essas coisas que escorrem dos olhos e não sabemos o que fazer.

Casulo Bárbaro - Personagem Roma.

Comecei a resgatar tudo que tinha escrito na viagem. Lembro da primeira cena que escrevi, foi um choque pra mim. A cena era de Rosa na rua, louca, perturbada, agressiva, bêbada, pessoas que somem pelo simples fato de existir, um mergulho devastador, pessoas desaparecem e ela era uma dessas pessoas. *Mas é sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo*, afirma Walter Benjamin em sua essencial obra *Origem do Drama Alemão*.

O encontro de Roma e Rosa- a mesma pessoa, aquela que chega e aquela que já passou por esse caminho que ainda será percorrido pela protagonista. Roma, o amor ao contrário. O que ela vai pensar quando entender que o lugar transforma brutalmente uma pessoa? E se reconhece na dor de Rosa? Ainda não, Roma sonha, Roma quer pertencer, o caminho ainda tem rosas...

A estrutura ia surgindo sem que eu determinasse um roteiro. Eram palavras, monólogos, imagens, situações. Roma chegou ao Casulo, o lugar desejado, o bairro, a terra e encontra, na travessia de barco, uma família. Ela percebe logo que não é e nunca irá fazer parte daquele universo familiar, é atirada ao mar e assim chega ao seu destino. Sorte ou azar? O que é isso? Coisas acontecem! Na praia, Roma se depara com os habitantes do novo território mas ela sonha e como

qualquer início de história, ela também busca entender onde é que está inserida. Roma começa a perceber que não será fácil pertencer à nova terra. Loucura, dor, sonhos, e assim ela recebe uma proposta. O tipo de proposta que não dá nenhuma opção outra. Roma se perde nela mesma, fazer ou não fazer, pertencer ou não pertencer? O mundo exige um lado sempre? Talvez!

Eu vou me jogar no mundo, me jogar no sentido do mundo, eu vou me jogar como se não bastasse viver, eu vou me jogar e me perder como se perde uma aposta quando criança, eu vou me jogar sem nenhuma proteção, eu vou me jogar no mundo com fome e sem nenhum afeto, eu vou me jogar no mundo sem endereço ou nome, eu vou me jogar no mundo escrevendo a palavra amor em todas as caixas de correio por onde eu passar, eu vou me jogar invisível, eu vou me jogar no mundo sem sapatos, sem calças, botas, sem virgindade, eu vou me jogar no mundo sem mochila de primeiros socorros ou voto obrigatório, eu vou me jogar no mundo sem nenhuma preocupação, eu vou me jogar no mundo sem reza, sem dia pra terminar, sem data de ida ou volta, sem cueca, sem pressa pra ejacular, eu vou me jogar como se joga com o tempo, eu vou me jogar no mundo sem canção, sem lanche da tarde e completamente bêbado, eu vou me jogar no mundo sóbrio, eu vou me jogar com castigo e embriagado, eu vou me jogar no mundo sem nenhuma consciência ou hora marcada, eu vou me jogar no mundo com ciúme, com tesão até por chocolate vencido, eu vou me jogar no mundo cheio de desgosto, sujo como algum banheiro público de Paris, eu vou me jogar no mundo com rosto coberto, eu vou me jogar no mundo sem cigarro aceso, sem dor de cabeça, sem dívida pra pagar, eu vou me jogar no mundo bem sujo, bem lama, quase sem existir, eu vou me jogar no mundo arrastando uma privada particular, uma escova de dente e um cachorro imaginário de nome Rimbaud, eu vou me jogar no mundo pensando que eu só existo porque existe uma cadeira, porque existe uma cachorra de nome Viviane, eu vou me jogar no mundo pensando no meu pai, na loucura dos dias quentes, eu vou me jogar no mundo pensando na minha mãe, na escassez da vida, eu vou me jogar no mundo pensando em nada, eu vou me jogar no mundo fugindo do lugar que nasci, eu vou me jogar no mundo com abstinência de cigarro, com raiva de existir, com a certeza que amanhã vou acordar, eu vou me jogar no mundo cheio de desfalecimento, no corredor repleto de fantasmas, na angústia de ter memória, eu vou me jogar no mundo e nunca mais vou ouvir música ruim, eu vou me jogar no mundo perdendo a memória, eu vou me jogar no mundo querendo ser dividido por trezentas pessoas desconhecidas, eu vou me jogar no mundo pra ficar perto de tudo, até de você que deve está lendo isso aqui, eu vou me jogar no mundo com uma pena indefinida, perpétua e comendo algodão doce, eu vou me jogar no mundo sem pedir concelhos, sem comer carne vermelha dos animais que não falam, sem nunca mais me olhar no espelho, eu vou me jogar no mundo repleto de esperteza, sondas espaciais e sapatos abandonados, eu vou me jogar no mundo segurando um ventilador e jogando oito vezes ao dia toda essa merda sobre o mesmo ventilador ligado, eu vou me jogar no mundo sem guardanapos, pombos famintos ou mercados sem categoria, eu vou me jogar no mundo contando poesia, como números e não como letras, eu vou me jogar no mundo atirando nos olhos dos homens normais, eu vou me jogar no mundo arrastando cadáveres de vizinhos que se matam, eu vou me jogar no mundo com noivos separando-se no mesmo instante que colocam alianças e que juram amor eterno, eu vou me jogar no mundo com um bode, uma cobra e uma maçã verde, eu vou me jogar no mundo, eu vou me jogar no mundo cheio de boceta, paus, e algum classe média enforcado, eu vou me jogar no mundo sedento de sexo, roupa pra lavar e uma pia suja e azeda, eu vou me jogar no mundo que chora e goza ao mesmo tempo, eu vou me jogar no mundo pensando que você comete crimes diários, eu vou me jogar no mundo sentado num sofá e esperando alguém me chupar, eu vou me jogar no mundo esperando o cheiro da pele que dormiu comigo na noite passada, eu vou me jogar no mundo pensando num filme pornô, na diversão da roda-gigante, na viagem que é acordar me jogando no mundo. Eu vou me jogar no mundo porque existe dor, existe amor, existe o tempo que desfalece e aquele que ensina, eu vou me jogar no mundo que muda e fica mudo, fica assim esperando o tempo que não me pertence, nem aos meus, eu vou me jogar no mundo enxugando essas coisas que escorrem dos olhos e não sabemos o que fazer, eu vou me jogar no mundo.

Personagem Roma. Casulo Bárbaro. (Brasil)



Você só vive porque precisa cuidar de alguma derrota que você construiu dias atrás.

O Casulo Bárbaro é uma reação do próprio ser e sua sangrenta ilha interna, é uma explosão não desejada das suas próprias ambições, dos seus valores já deteriorados, é a incerteza, a violência contra a violência que experimenta diariamente, é um não controle do que tem como vida. Um dia o ser decide deixar o lugar que nasceu, a família que criou, a família que foi criado, um dia o ser saiu para olhar a cidade que acabou. O olhar da destruição do outro foi brutal, descobrindo que não fazia mais parte daquela cena e sentindo a certeza de existir e não pertencer, o ser se sentiu morto, invadiu um teatro em busca de socorro, exigiu ser representado, ser refeito, ser outra vez construído, e o ser se percebendo morto, sabendo que ali ele também não existe porque ele de fato já está morto, tentou renascer através de um comercial que vendia sabonete na televisão, esse era o sonho guiado todos os dias da sua existência, o ser pertencia a propaganda de um site que oferece um quarto pra alugar. O ser é a devastação do poder de reação, o horror é não reagir mais, é observar como um cão faminto um pedaço de carne que nunca irá comer, o casulo não é uma borboleta e não tem beleza e nem liberdade, tem tristeza, dor e desafeto. É a sobrevivência distante que aniquila os sonhos, é rezar sem fé, o Deus não existe mais, o bárbaro que ficou no casulo se libertou mas sem nenhum valor, sobrou um vômito cheio de ignorância com uma necessidade de mais um carro novo, vale mais ser pro outro, pro vizinho, do que ser de verdade, mas essa aparência é um alimento pra seguir vivendo, é o prêmio pra se sentir aceito, é a dose infernal de importância que necessita o chamado artista legitimado, é fome. Casulo Bárbaro é o fim, o caos, o parar, o morrer sentado numa praça observando os pombos devorarem os seus olhos já apodrecidos, tudo apodreceu sutilmente, a família e todos os seus derivados apodreceram, o casulo bárbaro sai da sua casa, da sua cama, do abraço que você recebe antes de sair pro trabalho, você só vive porque precisa cuidar de alguma derrota que você construiu dias atrás, inventaram a tal responsabilidade pra curar a culpa de se gerar filhos sem amor, ter o selo da culpa e a obrigação de cuidar dessas pragas que crescem, que falam, e que, sem nenhum remorso, vão cometer os mesmos crimes que você cometeu um dia, aliás, que comete todos os dias ao lado dessas crias inventadas e geradas por você, porque não existe amor, existe obrigação, é um deserto, é dolorido e não tem solução. O Casulo Bárbaro é apenas mais uma história que não tem nome bonito. Mas pode três letras e pode se chamar

FIM.

Personagem Rosa em Casulo Bárbaro (Portugal)

TERCEIRA FASE: CAPÍTULO 3- CASULO BÁRBARO ENSAIA O PALCO PARA O TEATRO. ESCOLHAS!



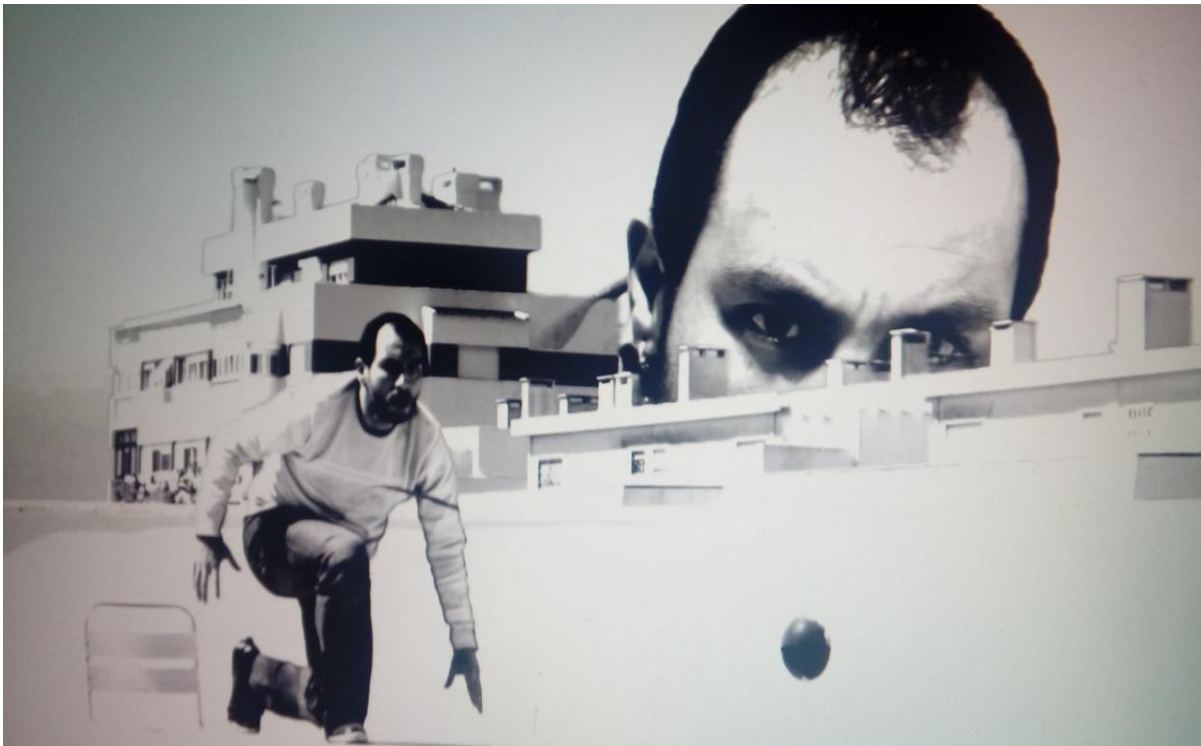
O céu parece ter sentido. Algo acontece fora de mim.

Eu queria algo carregado, nublado, cheio de coisas. Lixo, muito lixo. Buscava compreender esse lugar de encenar no meio do caos, pensava em lugares não convencionais, queria um corredor, algo como um rio e seus dois lados, a água seriam os atores e a plateia observaria essa água teatral passar. Não pensava em nada concreto, queria que a encenação caminhasse na descoberta diária dos ensaios. Peter Brook em *The Empty Space* diz: *Um encenador aprende que o crescimento dos ensaios é um processo de desenvolvimento; ele vê que há um tempo certo para tudo e sua arte é a arte de reconhecer esses momentos.* Para mim, o tempo e o exercício na sala de ensaio, a repetição, o silêncio invisível são fundamentais na construção de um espetáculo. Eu desejava que o mundo fosse esse lugar que surgia com o texto, com essas lágrimas que inundam o naufrágio humano das personagens. O processo foi difícil. Encontramos numa das salas do teatro da Comuna o nosso mar, agora era preciso atravessar. Existia um temor pela onda e sua força, uma água revolta desse mar/tempo me deixava aflito. O afogamento por vezes é necessário. Foram oito meses de pesquisa, escrita, ensaios e o grande dia chegou. O espetáculo realizado e uma grande interrogação: O que é tudo isso? Fiquei alguns dias em silêncio, precisava me desgarrar de todo processo, me senti preso ao mundo construído e ao teatro que ele pertence, ou que pode pertencer.

Experimento para uma primavera. Alguma substância no verão. Noutra zona no inverno. O outono pode ser cinza. Atriz/diretor. Ensaio, uma construção do universo estrangeiro chamado ficção. Onde é, ou, onde fica esse lugar do pertencer? Pensamento. Encontrar um idioma. Encontrar uma voz. Esquecer pátria, memória que não se desfaz. Eu flutuava na escolha estética! Voltar nunca será uma cura, o meio para viver outra vez. Voltar... O que diz o mundo se eu não me reconheço nele? Exílio. Emigrado. Não pertencer. Nada parece acalmar essa vergonha errada de caminho. Que idioma poderá ser conforto? Menos lágrimas? Em que nação me reconheço? Me contaram outrora outros sonhos. Não é somente solidão. Perdição de existir. Ruas existem para atravessar sem remorsos mas uma identidade ficou confusa. Maldita. O mal que os olhos não querem enxergar. Basta uma primavera. O céu parece ter sentido. Algo acontece fora de mim. Que maneira de explorar. Esqueci emoções. Sentidos. Sentir não mais é resultado. O choro que ronda meus passos. O gesto. Tudo menos eu. Tudo que eu gostaria de falar. Como? Que língua falar? Sotaques. O tempo escorre e seca. França. Holanda. Espanha. Portugal. Brasil. Eu vejo resquício de vida. O que é isso? Não tenho idade para isso. Um vinho. Por favor. Camareiro. Um vinho. Por favor. Um vinho. Um tango. Um bolero. Um tango. Um fado. Um chorinho. Uma música qualquer. Por favor. O peito. Que seja o meu. Feminino e cheio. Para seu sono. Seu descanso tenho. O compasso do meu coração. Que seja os meus seios. Toque-me! Reconheça-me. Diga-me. És tu que vives em mim?. Minha casa não tem regra. Poeira muita. Nunca teto. Gosto de olhar o céu quando deito. Ela, ele, tantos outros! E viva eu morro. Flutuo. Existe esperança em mim. Calor.

Jardim. Escute minha voz.

Sinta esse desejo torto. De gozar. Tocando e tremendo. Não só o corpo mas teu ar. É bem vindo. Saudade. Não sinto. Saudade. É nome. Felicidade. É nome. Saudade. Nunca. Fecho os olhos. Não durmo. Espero. Fervendo. Minha carne. Entranhas. Uma data que nunca sabemos. Nunca sem palavras. Poesia. Os dias não cantam sozinhos. Sinto febre como personagens famosos. Sinto *Casulo Bárbaro* chegando.



Não se pode viver aqui, lá, onde quer que seja, eu não posso viver em lugar nenhum, nenhum lugar foi feito pra mim, por mim, o que me deixaram foram lapsos frequentes de uma memória que todos os dias tento eliminar, destruir, eu quero me livrar do não pertencer ao que pertencço, não tem cura, não é uma doença, não é nada, sou eu, eu que já não existo com identidade, porque eu não sou mais minha identidade, não é apenas um sentimento, uma saudade, uma constatação de pertencer algo ou algum lugar, eu não tenho mais lugar, poema, infância, vida adulta ou velhice, acabou com tudo, cortaram minhas asas, cegaram meus olhos, eliminaram meu cheiro, eu sou pouco no que já nem serve, não existe. Aqui não é o que é, eu não sou daqui e nem de mim mesmo. Dias, meses, toda uma vida trancada dentro desse estado fantasma, porque me tornei um fantasma, não existo, eu não existo, me tiraram isso, sim, tiraram minha existência, eu não vivo aqui, eu vivo tentando viver o lugar que não me deixaram ser, não é o exílio, é o não existir mais, é o meu olhar, meu sorriso, que não se manifesta mais, é apenas ar, invisível, trágico, o que você quer que eu fale, quer que diga de onde sou, mas eu não sou mais, eu não tenho lugar, terra, pátria, eu não posso voltar, eu também não posso ficar, porque não existo nem lá e não existo aqui, sabe o que é isso? Se não existo lá, não posso existir aqui, não existe recomeço porque eu já tive o fim, minha terra era também meu corpo, meu coração, minha poesia e minhas dores, meu acordar e meu sono, era eu não ser sem ser, foda-se Hamlet, porque não tenho nenhuma identidade mais, construir isso aqui é falso, é distante, é uma resposta que não existe, eu sou uma resposta que não existe, eu não posso decidir sair daqui, morrer aqui, eu não acredito na morte, eu acredito é no abraço, memória de amor, emoção de pertencer ao que quero pertencer, nada por aqui me lembra isso e voltar é algo que nunca poderá acontecer, não tem como recuperar esse chamado tempo perdido, o tempo do ser extraviado, corrompido pelo não pertencer mais, arranque meus olhos, faça valer alguma...

Personagem Roma em Casulo Bárbaro

ENCENAÇÃO

O que pode ser isso denominado encenação? Uma prática comum do fazer/realizar ou uma mesa vazia à espera de um jantar de possibilidades cênicas e artísticas? O que é encenação? Um ofício que é quase invisível e sem fim? Como posso determinar um ponto de partida para minhas escolhas estéticas e técnicas? Existe o início de uma ideia que no meu caso partiu do processo de investigação, ou seja, o tema não pertencer. Esta ideia por sua vez gerou um texto que, através, não só dele- falo do texto dramático, me levou ao universo teatral proposto como base para definir as escolhas estéticas do espetáculo.

Dez dias antes da estreia, eu lembro, estava sentado observando o cenário concebido, a ideia daquilo tudo, pensava: eu quero que o céu seja o “lixo” que carregamos diariamente, ou seja, o céu é a sobra daquilo que renegamos, é o “lixo” nessa alegoria, portanto, expressar e interpretar esse pensamento de um território tomado por uma falsa representação de perfeição e liberdade era fundamental. O céu/lixo que desaba sobre nossas cabeças como uma tempestade que nunca acaba, confrontando essa ideia de Deus/homem e paraíso acima da gente, ou mesmo, de que a sociedade se protege do próprio caos alimentando esse lugar de salvação, fé e esperança de um futuro ainda invisível, quero dizer, desse mundo chamado Casulo Bárbaro onde tudo é controlado e não se deve explicar a essência das coisas para o desconhecido.

Para alguém que não faça parte de um mesmo berço familiar, não deve haver dúvida sobre quem pode ou não pode pertencer, a sociedade tem que chegar ao nível “pornográfico” de exposição para que esse controle seja ainda mais eficaz. Por outro lado, eu enxergava a terra que representa uma realidade mais palpável e não menos cruel. Casulo teria flores mas elas são esmagadas pela conduta que tentamos esconder- uma imagem como conceito para ir adiante na construção do espetáculo mas era apenas uma ideia, um cenário como elaboração de espaço. Numa das cenas, a personagem Rosa estava perdida no próprio mundo que criou, que talvez tenha desejado - penso que nunca sabemos, ou quase nunca sabemos porque entramos e não conseguimos sair de um determinado território vida, seja ele psicológico ou estrutural. Ela falava de uma forma dura, pessimista e violenta, o que designamos como real valor de cada um ou pelo menos do mundo que ela estava inserida. Palavras, palavras, palavras. Surgiu a ideia do plástico transparente, onde o rosto, a imagem do ser já não era algo normal, era desfigurado, era assustador, era o movimento perdido e perturbador da vida, do existir.

Como eu lido com isso? E o que é encenação? Tentar um abraço que não existe concretamente? Como entrar e sair de uma encenação? Segundo Byung-Chul Han em *A Sociedade da Transparência*:

O mundo não é hoje um teatro onde se representem e leiam ações e sentimentos, mas um mercado onde se expõem, vendem e consomem intimidades. O teatro é um lugar de representação, enquanto o mercado é um lugar de exposição. Hoje, a representação teatral cede o seu lugar à exposição pornográfica.

(Chul Ham, 2014: 53)⁴

Não tenho uma forma, uma teoria do que pode ser e o que pode não ser essa construção da encenação. Observo como um ato criativo irregular, sombrio, uma constante busca por uma forma poética do olhar, do sentir, do provocar, do erro, da imperfeição. Não sinto esse lugar do paraíso, do limpo e organizado. É como uma esperança de mais uma vez errar e que isso me jogue para um outro sítio, quero dizer, que essa função de pensar o espetáculo não seja algo apenas de reprodução estética, um ato de apenas realizar uma obra. Sinto a necessidade de me transformar com a criação, com os artistas e com o público, expor algumas marcas humanas e inumanas em formas teatrais, usar o espaço cênico como uma ferramenta de fuga, impulso e descontrole, uma espécie de antítese, ou seja, forças, sentidos contrários e semelhantes no mesmo barco teatral, numa mesma frase cênica. Não significa que não são inimigas, também não estão em comum acordo, é um dilúvio que nunca para e nunca inunda o suficiente. Jean Jacques Roubine diz em sua essencial obra *A Linguagem da Encenação Teatral*:

Curiosamente, o teatro, que é - como já foi dito tantas vezes - a arte do efêmero, nunca para de se lembrar, de dar continuidade, de redescobrir. O que é a encenação, o meu ofício no teatro? Imagino ser sempre uma nova descoberta de me reconstruir.

(ROUBINE, 1880-1980: 144)⁵

⁴ CHUL HAM, Byung (2014), *A Sociedade da Transparência*, Lisboa, Relógio D`Água Editores

⁵ ROUBINE, Jean-Jacques (1880-1980), *A Linguagem da Encenação Teatral- Instrumentos do Espetáculo*, Rio de Janeiro, Zahar editores

CONCLUSÃO



Encenar Casulo Bárbaro foi fascinante. Descobrir e construir um pensamento depois de tanto tempo de pesquisa, aproximar os atores, entender o mecanismo de como iniciar o processo de trabalho e outras tantas alegorias que envolveram nosso trabalho, tenho certeza, foi mágico. Nunca é uma tarefa fácil para mim, talvez para outros artistas seja, mas eu não consigo experimentar a construção de um trabalho se não estiver inserido plenamente dentro dele, quero dizer, necessito viver intensamente o lugar do homem, do cidadão e do artista.

Eu concebi uma camada do espetáculo, tive minhas escolhas. O tempo era concreto, a criação não. Tenho por norma deixar o lugar criativo aparecer sem ultrapassar ou pular etapas na criação dos intérpretes. Eu existia naquilo tudo e tudo aquilo veio de uma cena construída nos últimos dois anos. O processo de trabalho foi caótico: não tinha os atores todos os dias, tive que ir a Paris ensaiar uma das atrizes da peça- tudo isso sem ajuda financeira ou produção-, fiz porque queria esse encontro entre meu mundo brasileiro e o meu mundo português, entre os artistas de ambos países. Uma produção nunca é algo barato mas o esforço valeu. Valeu pelo que consegui realizar, pelo que consegui desenvolver mesmo no caos financeiro e estrutural.

Dialogar com os atores nunca é uma tarefa simples. Fazer eles entenderem a dimensão de um texto, o contexto, experimentar na própria carne o mundo inserido e presente na obra não é simples.

A rejeição ao universo contido na obra era um abismo e isso causava medo, insegurança, dúvidas! Percebi logo que eles não se sentiam estrangeiros- falo em todos os níveis-, tentava descobrir qual era o lugar que eles consideravam o chamado não pertencer. Com alguns isso foi rápido e me ajudou muito, com outros não- queriam apenas uma performance, mesmo que inconsciente. Sim, talvez esse lugar do ator/interpretação tenha sido o grande obstáculo além do facto de, claro, estarem fazendo outros tantos projetos paralelos. Consegui reunir os atores todos juntos dez dias antes da estreia.

A encenação estava na minha cabeça. Contar com a contribuição fundamental das cenógrafas e figurinistas foi essencial. Nosso espetáculo foi finalizado e o resultado final foi visto. Como sempre continuo com dúvidas e isso me faz renascer e crescer como artista. Uma semana antes fiquei sem o criador de luz, design de luz, sei lá eu como posso designar um profissional que te abandona assim. Isso foi muito triste, nosso projeto foi trocado por um cachê. Defesa do pão! Isso tudo conta e não conta porque eu tinha um compromisso comigo, com os artistas, com minha escola, meus professores e meu orientador. Pedi ajuda.

Nosso espetáculo ficou em cartaz três dias na Comuna- Teatro de Pesquisa. Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para a execução do nosso projeto. Será uma bela memória no futuro, pelo menos para mim. No fundo, acho que criar é isso. É esperar o tempo falar o quê e como é esse diálogo entre o artista e o ofício teatral. Nada acaba no teatro, e tudo “acaba” no teatro. Uma ação do ser e não ser. O teatro.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e o seu Duplo*. Tradução de Fíama Hasse Pais Brandão. Lisboa: Fenda, 1989

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984

BROOK, Peter, *A Porta Aberta*. Trad. Antonio Mercado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

BROOK, Peter, *O Espaço Vazio*. Tradução de Rui Lopes. Lisboa: Orfeu Negro, 2008

BYUNG, Chul Ham. *A Sociedade da Transparência*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014

CAMPOS, Álvaro de, *Álvaro de Campos – Livro de Versos*, Lisboa: Ed. Estampa, 1997

PASCOAES, Teixeira de. *O Grito que Deus deu*. Braga: Ed. Editorial, 1995

PESSOA, Fernando. *Álvaro de Campos – Livro de Versos*. Edição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1997

RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. Trad. José Maria Justo. Lisboa: Orfeu Negro, 2010

ROUBINE, Jean-Jacques. *A Linguagem da Encenação Teatral, 1880-1980*. Trad. de Yan Michalski. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

SIMMEL, Georg, *Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação*, 1908. Trad. de Mauro Guilherme Pinheiro, Berlim: Ed. Duncker e Humblot Editores, 2005

SAID, Edward W. *Fora de Lugar, Memórias*, trad. de José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras. 2004

SARRAZAC, Jean-Pierre, *Léxico do Drama Moderno e Contemporâneo*. Trad. de André Telles, São Paulo: CosacNaify. 2012

VASQUES, Eugénia, *O Que é Teatro*, Lisboa: Quimera. 2003

ANEXOS

Anexo 1

Texto Dramático *Casulo Bárbaro* de João Fábio Cabral

Anexo 2

Fotos tiradas por Miguel Bartolomeu do espetáculo *Casulo Bárbaro* (em cena no Teatro da Comuna, Lisboa, em julho de 2018)

ANEXO 1

CASULO BÁRBARO

de João Fábio Cabral

Personagens:

ROMA

DONA MADAME DO CABA RÉ

INVESTIGADOR

DIRETOR

ATOR

ATOR 2

MULHER DA LIMPEZA

PESSOA 1

PESSOA 2

IRMÃ DE ROMA

IRMÃ

MÃE

FILHO

PAI

ROSA

MÃE DE FELICIDADE

FELICIDADE

HOMEM

REPÓRTER

CANTORA DO CONCERTO

ATO I

Prólogo

CENA 1

Roma e Irmã

Porto. Roma coloca sacos dentro do barco.

ROMA

O mundo não manda recado, travesseiro pra dormir, nem laranjas doces. Ele, o mundo, me parece que anda muito desorientado, faliu, está-se a arrastar e se esfacela sem nenhum pudor. E ele vai continuar assim, enfermo, cheirando a um estado, sabe essa coisa próxima do que se imagina terminal? Pois é assim que o tempo apresenta e esclarece os nossos dias. Me chamo Roma, tenho sede e fome de tudo. Muita até. Pra onde vai esse barco? Seria possível eu ir junto com vocês?

Como? Não, não sou nenhuma borboleta letal, sou atriz, apenas isso, uma atriz que quer desenvolver e, talvez, contar a própria história, eu não ofereço perigo, ofereço cena, outra cena, uma mais... Perigosa pode ser toda história, não sei, uma personagem sempre quer algo, eu também quero, sou uma pessoa, e acredito que pessoas não salvam personagens, mas personagens salvam pessoas. Não me entendem?

Eu também não me entendo. Mas pra esclarecer, eu não ofereço nenhum risco pra vocês. Sim, é quase o fim da primavera, eu sei, faço rosas, de papel, mas são rosas, e elas representam também minha primavera, Roma, me chamo Roma! Vocês estão se divertindo e logo o verão chega. Como?

Claro, posso limpar o barco, fazer a comida, e naturalmente, ficar em silêncio. Pra onde vocês estão indo? Sim, eu também estou indo pra lá. Casulo é meu destino. Com licença... Obrigada... Roma, eu me chamo Roma. Obrigada. Obrigada. Obrigada. Obrigada. Não, não, apenas agradeço, obrigada.

Muito obrigada por me levar pra Casulo. Sim, eu sei, Casulo é o destino desejado por quase todos! Lá todos vocês são felizes. Eu sei. Em casulo se odeia com amor! O que eu quero dizer com isso?

Eu quero dizer obrigada. Obrigada. Obrigada. Obrigada.

Roma abraça a irmã.

ROMA

Agora vá...

IRMÃ DE ROMA

Você vai voltar um dia?

ROMA

Não sei.

IRMÃ DE ROMA

Nunca mais vou te ver?

ROMA

Um dia vai...

IRMÃ DE ROMA

Pra onde você vai?

ROMA

Não sei...

IRMÃ DE ROMA

Lá onde fica esse NÃO SEI é melhor que aqui?

ROMA

Talvez...

IRMÃ DE ROMA

Então você volta? Você volta, você vem visitar nossa casa, nossa aldeia, aqui é sua terra!

ROMA

Eu não sei, não sei, não me pergunte isso... Eu não sou mais daqui minha irmã! Desculpa isso tudo, mas este lugar perdeu a cor, perdeu o cheiro, tudo isto perdeu o gosto. Olha pra mim... Eu preciso ir pro mundo, seja lá o que represente isso e o que possa ser esse lugar chamado mundo, mas eu ne-
cessito. Existe algo dentro de mim que não é nada aqui. É como se não existisse mais território. É um exílio de mim mesma, é como se eu não pudesse mais voltar aqui, buscar o que eu era aqui, percebe isso ou não? Não, não chore, tudo se arranja, até a nossa saudade quando ficar visível,

palpável e começar a devastar tudo dentro da gente, até ela se arranja. Por que a nossa saudade em algum momento se transforma numa guerra sangrenta dentro da gente, até ela, a nossa saudade, até ela vai se resolver em algum momento. Não existe mais natureza aqui, pelo menos a minha natureza. Cuide da nossa casa, da nossa mãe, se um dia o pai voltar, não tenha dúvida, abrace-o com mais amor, os homens em algum momento se perdem, por coragem, por medo ou por covardia. O homem precisa mais do que ele mesmo pra existir, o homem precisa de alguém que o defenda, o homem se perdeu e não quer encontrar mais nem ele mesmo. Se eu pudesse, escuta, se existisse uma forma, eu voltaria pro útero da minha mãe, lá era tão mais belo, tudo era tão mais belo, tão mais doce, mas eu sou artista, eu sei disso. Vem cá, abra suas mãos e pense que aí vive seu mundo, seu jardim. É imaginar como no teatro, você já viu como é o teatro, não viu? Pense que agora, nesse momento tem um monte de gente olhando pra gente e pensando em algo que não é a nossa vida. Talvez essas pessoas estejam pensando nas próprias vidas. Então, é assim que tem que ser, como o teatro, a vida tem que ser como no teatro, algo que faz a gente sonhar, pensar na nossa vida, sorrir, pensar na nossa vida, chorar e sonhar outra vez e pensar na nossa vida, e gargalhar e sonhar outra vez e nunca mais pensar na nossa vida. É uma mentira que é verdade e que é mentira, que é real mas que não é verdadeiro, mas é verdadeiro e real, existe e não existe. Eu quero ser eu de alguma forma, nem que seja neste teatro, neste lugar que não é, e é todos os dias quando as cortinas abrem, a luz acende, eu quero fazer meu papel nessa peça... Adeus... Guarde essa rosa de papel, ela é de verdade e fui eu que fiz... Veja, tenho uma igual e vou levar comigo, e sempre que eu tocar nela, será com carinho e pra lembrar de você, da nossa terra, pense assim, que a nossa terra pra mim é uma rosa de papel, não é de verdade, mas existe, não tem vida, mas existe, existe na minha cabeça, numa memória que não é de papel, não se pode enxergar, mas é como essa rosa, existe... Agora vá...

IRMÃ DE ROMA

Um dia você volta... Aqui é seu lugar Roma!!! Aqui é o seu lugar!!!

CENA 2

Barco. Roma está no barco de uma família. Eles bebem e gritam. Parecem felizes.

FILHO

Eu vou voltar pra casa de vocês, penso isso todos os dias!

MÃE

Volta filho!

IRMÃ

Volta sim, irmão!

PAI

Falei que iria ser ótimo esse nosso passeio de barco. No nosso barco, falei ou não falei?

MÃE

Falou!

IRMÃ

Falou sim!

FILHO

Eu vou voltar pra casa dos meus pais, penso isso todos os dias. Penso sim.

PAI

Melhor coisa!

IRMÃ

É sim, pai! Melhor coisa!

FILHO

Vamos pensar que eu volto pra casa. Que isso acontecesse agora.

MÃE

Agora filho? Agora estamos no mar, a primavera já esquentou o nosso tempo, o verão logo chega.

Roma, querida, você sabe cantar?

IRMÃ

Roma, querida, você sabe cantar?

PAI

Roma, querida, você sabe cantar?

FILHO

Se eu voltasse agora...

IRMÃ

Seria ótimo! Roma, querida, pega uma laranja do Algarve pra mim, uma bem docinha, tá bem...

FILHO

Ok, eu volto pra casa!

PAI

Agora, agora não pode, estamos no barco, no nosso barco! O barco da família! Férias, logo o verão chega e podemos ficar livres, sem roupa, livres, e vamos gozar muito, livres e com bem menos roupas! Roma, querida, você sabe que aqui você é essencial, pra tudo...

FILHO

Pai, mãe, minha irmã querida, estou aqui, eu voltei, vocês estão felizes?

IRMÃ

Eu não percebo... Roma, você percebe alguma coisa? Eu acho que ele é muito personagem, você não acha, Roma, você não acha que ele está muito personagem?

FILHO

Eu de verdade estou feliz, muito. Olhem bem nos meus olhos e vejam se estou feliz assim como vocês estão...

PAI

Filho, pare de beber um pouco... Ainda não estamos em casa, estamos no mar... Roma, estamos ou não estamos no mar?

MÃE

Roma, passa um pouco de protetor nas minhas costas? Espera, tenho a sensação que alguém está olhando pra gente... Vejam, um barco, vejam, lá! Tão vendo? Quem será? Você conhece, filho?

FILHO

Venham, quero abraçar vocês e dizer que tudo é belo e que nossas diferenças já não importam, por- que eu aceito vocês do jeito que vocês são, que vocês não são como essas pessoas do mundo, essas famílias que vivem aí pelo mundo, nós somos de Casulo, vocês são bons e protegem tudo e amam tudo que a gente faz.

IRMÃ

Antes devolva todo dinheiro que você roubou da gente!

MÃE

Filha... Filho, são seus amigos naquele barco?

IRMÃ

Escroto de merda! Que conversa é essa agora? Entrou pra alguma religião salvadora?

PAI

Roma, está tudo bem...

IRMÃ

Diga onde você meteu o nosso dinheiro, porque um dia eles vão morrer, nossos pais vão morrer, vão sumir deste planeta, vão sumir como somem todos!

MÃE

Roma, tá tudo bem, não fique preocupada... Irmãos, Roma...

IRMÃ

E vocês não fiquem achando que vão para o céu, vocês vão apodrecer e virar apenas uma ossada, só isso, vão virar um bando de ossos sem nenhuma serventia, e já deixo claro aqui, não haverá lágrimas da minha parte. E eu quero a minha parte da herança, quero tudo que tenho direito. E esse dinheiro que você roubou, ele também me pertence, é meu, meu!

MÃE

Filha, esquece isso. Roma, você está feliz de andar no mesmo barco que a gente?

FILHO

Nós somos os melhores filhos do mundo, e nós nos amamos, amamos uns aos outros, nós não precisamos de mais nada, apenas disso, apenas defender esse nosso amor e nossa casa...

IRMÃ

Bateu! O álcool bateu e ele enlouqueceu!

FILHO

Precisamos defender nossos segredos, nossas raivas, nossas invejas...

PAI

Filho, pare de beber... Chega de álcool, o álcool faz isso, você é lindo!

IRMÃ

Ele tem que devolver todo dinheiro que roubou! Roma, você sabia que ele roubou muito dinheiro nosso? Sumiu, ninguém sabe, apenas sumiu com o dinheiro que também é meu! Roma, você acha isso certo?

MÃE

Filha, pare de beber um pouco, o álcool faz isso, você é uma filha linda! Você quer que uma pessoa que não faz parte do nosso barco, da nossa família, você quer que uma estrangeira dê opinião sobre nosso amor familiar? Pare de beber agora! Mamãe está pedindo... Ai família, aquele barco continua vindo na nossa direção... São seus amigos, filhinho?

FILHO

Nós precisamos defender nossos crimes, porque somos uma família, e família unida defende o crime de qualquer membro da família, vamos roubar, matar, corromper, foder com quem não permita que nossa família possa ser aquilo que a gente entende e quer como ideia de poder, de vida financeira. Vamos nos unir e destruir quem duvidar que somos a melhor família, vamos destruir quem não permitir que a gente consiga ou conquiste aquilo que tanto desejamos... O que acham? Voltei melhor do que quando sai daqui? Vamos ser felizes finalmente?

IRMÃ

Idiota! Ladrão de merda! Roma, jogue esse desgraçado no mar! Mas antes diga onde você colocou o meu dinheiro!

PAI

Filha... Roma...

MÃE

Filha... Roma...

FILHO

Roma, Roma, Roma, essa pessoa de merda tem mais valor que eu? O filho de vocês? Mais valor que seu irmão? O que vocês preferem? Que eu seja jogado no mar, ou essa idiota que a gente trouxe junto no nosso barco? Pensa comigo: ok, eu fiz algo errado com vocês, pronto, fiz, pronto, mas eu vou ser jogado aos tubarões, vou ser abandonado no meio do oceano por isso? E Roma, essa que

não é parte da nossa família, uma estrangeira, ela continuará aqui no barco, se alimentando gratuitamente, viva, tendo prazer e pensando que faz parte disso aqui? Vocês preferem que eu seja jogado no mar e ela não?

PAI

Ela é apenas um ponto sem...

IRMÃ

Ela é fixe! Você é um ladrão escroto!

MÃE

Eu prefiro que ela seja jogada no mar e não o meu filho. Ela não pertence à nossa família. Mas sejam discretos, aquele barco parece que observa tudo por aqui, se ela for pro mar...

PAI

Eu também prefiro que seja ela, mas ela é tão bonitinha...

IRMÃ

Vai virar comida pro senhor? Eu prefiro que ela abra as pernas pro senhor do que aceitar esse irmão de merda de volta! O senhor está desejando o corpo dela, papai? O que mais ela pode oferecer pra nossa família?

(Filho joga bebida na cara da irmã.)

MÃE

Calma, meus filhos... Não fale Roma, aqui você não pode se arriscar...

FILHO

Vocês não me amam?

PAI

Sim, muito!

MÃE

Muito! O barco...

FILHO

Então, quem vocês preferem que fique no meio do mar? Eu ou Roma?

MÃE

Roma, obviamente! Atira a estrangeira do barco logo, o barco...

IRMÃ

Isso só piora! Que merda é essa, uma peça de teatro?

FILHO

Então, quem vocês preferem que fique no meio do mar? Eu ou Roma?

PAI

Sim, é natural que Roma fique no meio do mar.

FILHO

Ai pai, o senhor me emociona... Obrigado!

IRMÃ

Eu não aceito isso!

MÃE

Você não tem que aceitar ou não aceitar, infeliz cabra de merda. Ele é meu filho, é homem, hétero, macho, você não, nem de homem gosta! Você não gosta de homem! Já deixamos você viva, fechamos os olhos pra essa aberração que você é... E você ainda vem falar merda sobre seu irmão... Prefiro ele matando, roubando, sendo o que é, prefiro ele assim do que você sendo... O que é agora? Quer Roma como a sua mulher? Que horror!!! Ele é o homem da família, você não, você só arruma problema, quer ficar também no meio do mar? E o que tem seu pai ir pra cama ou não com a estrangeira? Ele é homem, ele pode. Ela está aqui pra ser usada, ela pediu uma ajuda e em troca ela tem que servir aos nossos propósitos, qual é o problema? Seu pai pode tudo! Não é necessário você vomitar o tempo inteiro essa merda da verdade, isso acontece e vai acontecer sempre. Não vou cortar meus seios por isso, foda-se! O mundo mudou? Não, não mudou e nunca vai mudar! Somos limpos. O sistema é esse e assim é que vai permanecer. Ele é seu irmão, nosso filho. Ele faz parte da nossa família, ela não, ela é apenas um corpo que serve, que serve um jantar ou um orgasmo. Isso me deixou cansada! Tudo por causa dessa besta estrangeira que resolvemos trazer no nosso barco...

Ai, estou bem cansada disso! Meu Deus, esse barco está com algum problema... E aquele outro

barco que não para de seguir a gente... São conhecidos seus, filho?

PAI

Calma, família linda... Qual a família que não tem um probleminha assim, né Roma, você não acha, Roma? Vamos brindar! Roma, sirva mais uma rodada de alegria, mais bebidas pra nossa família linda! O álcool ajuda, ajuda muito nesses momentos... Venha bonitinha...

MÃE

Depois pode pular do barco! Pode servir nossas bebidas, seja rápida! Depois desapareça do nosso barco. Você só trouxe problema pra gente! Eu avisei, nunca dê oportunidade pra essa gente que só quer tirar o que é nosso, até nossa paz! Filho, esse barco que se aproxima são amigos seus?

(Todos da família brindam.)

PAI

Roma, quero um pouco de prazer antes de você pular.
(Roma pula do barco.)

CENA 3

Praia. Roma está deitada. Parece esgotada.

REPÓRTER

Estamos ao vivo, vivo, bem vivos e de olho no que acontece nesse momento. Eu, a Repórter da CASULO TV, eu trago em primeira, em segunda e em terceira mão, sim, um caso raro, algo que está mexendo com todo CASULO, filma Pilão, MOSTRE O BOOM DESSE MUNDO UTRA PLÁ CONTEMPORÂNEO, Pilão! Vejam telespectadores, hoje pela manhã foi encontrado e perdido aqui na areia da praia de CASULO, isto!!! Um sobrevivente, um aborto do oceano. Sim, estamos diante de mais um imigrante sem nome. É UMA MULHER, UMA MULHER, MEU DEUS, É UMA MULHER! Como é seu nome, estrangeira? O que quer aqui? O que acha que vai conseguir aqui? Você sabe onde está? Aqui é um lugar limpo, o melhor lugar, onde todos são iguais e aqui ninguém vai suportar... Ela não fala telespectador, ela não fala, é uma tática, não quer que seja identificada pelo idioma... Que idioma você fala? Eles fazem isso sempre, não falam, daí não podemos devolvê-los para o lugar de origem... Tem documentos? Estou perguntando se você tem documentos? Algo com alguma identificação? Veio sozinha ou tem alguém escondido na areia?

Filma tudo, Pilão! Para o

seu conhecimento, sua marginal, aqui estamos de olho em tudo, eu nem durmo mais, trabalho sem parar para proteger os habitantes de Casulo, filma Pilão, filma Pilão, filma Pilão! Exclusivo, CASULO TV encontra um inimigo de Casulo agora, aqui, na areia da praia! Chamem o exército, a polícia de Casulo, o comando especial e fantástico de segurança!

DONA MADAME DO CABA RÉ

Calma, Repórter da CASULO TV! Desliga a câmera Pilão!

REPÓRTER

Dona Madame do Caba Ré... Veja o furo escandaloso contemporâneo que acabei de descobrir... Essa invasora entrou na nossa fronteira, Casulo corre um sério perigo!

DONA MADAME DO CABA RÉ

É uma cena! É mais uma atriz eleitora minha, ela vota em mim. Tudo isso que ela está fazendo é pra mim. Vá filha, vá se arranjar, pode ir que cuido disso... Estamos filmando um longa, isso é um treinamento pra um longa metragem que vou usar na minha campanha... Trabalho de campo... É o novo método do cinema mundial eleitoral, colocar o artista em situação real pra tirar dele o melhor proveito... Venha queridinha da madrinha, você fez uma excelente cena...

REPÓRTER

Cena?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Cena!

REPÓRTER

Cena cena?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Cena, cena, cena! Jesus fez assim na cruz e todo mundo comprou a ideia, acreditou e ele no terceiro dia tava na vida de novo. Fez o corre dele, eu fiz o meu, olha que delícia!

REPÓRTER

Morri! Morri agora! Liga a câmera, Pilão! Estamos aqui, ao vivo, bem viva e antenada com o que de melhor acontece em Casulo, estamos aqui com nossa futura DONA DO CASULO, a mulher que vai alavancar nosso estado TOP FLOWER DESIGN PERFECT mundo de Casulo! DONA MA-

DAME DO CABA RÉ, conte como anda sua campanha pra ocupar o cargo mais importante da nossa terra amada? Com apoio do nosso eterno BIG T. POWER, conte tudo para os nossos telespectadores...

DONA MADAME DO CABA RÉ

Sou a Dona Madame do Caba Ré, perdi tudo e me converti até. Sou danada, uma alma agitada, um bom tomate pra salada, faço rima com clima, lima, sou de boa na quebrada. Adoro esse lugar do noir. Sou convertida. Encontrei em Casulo o sonho da paz. Me converti! Eu sobrevivi. Me converti. Eu era muito louca, nêga! Eu fazia o chafurdo, a cachorrada e a laranjada, tudo sem processador, minhas partes baixas faziam o camaradinho esquecer o caminho de casa, estás a ver?! Eu dialogo com o mundo, neguinha! Parei com essa fantasia que nossa oposição falava que eu era a rainha da cosquinha anal, agora não, me converti ao poder de Casulo! Você lembra, tive uma pequena PENSÃO, QUE VIROU HOSTEL, QUE VIROU HOTEL e que agora é um GRAN RESORT Cultural, econômico e social no nosso Casulo. Acabou a putaria! Só transito agora no ciclo círculo mundo das LEIS DIZ DIES, diz se não é um potente avanço, estou falando um bocado de língua e ainda ofereço um chá da tarde com rosquinhas, mame na teta minha! Agora com toda fortuna que tenho serei a nova DAMA LADY BONJOUR, MORNING, DE DIA. Agora sou rica, eu venci, gata! Sou empresária! Eu tinha que me aprumar, estás a ver! Foi muita dedada no cu alheio pra chegar FINA no meio social! O GRAN RESORT DONA MADAME DO CABA RÉ é fruto de muito trabalho, dedicação e amor pelo nosso povo! Gosto do povo! Vote em mim e você será ainda mais agraciada por DEUS E TODOS OS SEUS COLABORADORES. Comigo ninguém vai implorar um cafuné. Aqui não vai existir pobreza, muito menos pobres, aqui é Casulo. O exemplo do mundo. Já mudámos esse panorama do mundo contemporâneo. Comigo é assim:

OU CHUPA DIREITO OU NEM ABRA A BOCA!

REPÓRTER

Adoro também essa palavra: CONTEMPORÂNEO, GOSTO TAMBÉM DE CARTOGRAFIA, ta super na moda usar essa palavra, os artistas usam muito, ela deve saber, ela é artista. ADORO! Filma Pilão!!! Aqui é O LOVE TEN THE LOVE IN LOVE THE WORLD! FILMA PILÃO! FILMA NOSSA AREIA EM HARMONIA DE DIA!

DONA MADAME DO CABA RÉ

Venham comigo... Deixe a nossa atriz sair da personagem, ela foi muito vertical, se entregou, foi ao extremo, está exausta, o cinema tem essa capacidade de atravessar nossa essência, nossa, pasmei agora, gostei dessa frase, ai o cinema... Vamos esperar o tempo dela se recompor...

Venham comigo, quero mostrar meu plano de campanha...

(Saem. Roma continua no chão sem nenhuma força. Três pessoas aproximam-se dela. Um concerto acontece.)

PESSOA 1

Então, vamos começar?

PESSOA 2

Adoro...

ROMA

Começar o

quê?

PESSOA 1

Começar.

ROMA

Espera, que merda é essa?

PESSOA 1

Não é nada, apenas controle, você está em Casulo.

PESSOA 2

Adoro!

PESSOA 1

Agora você não é uma pessoa, aqui você não é uma pessoa, aqui você é um documento.

PESSOA 2

Adoro!

ROMA

Eu sou uma artista, uma atriz!

PESSOA 1

Nossa, você é esperta! É uma profissão com grande retorno financeiro, nossa, você é bem esperta!

ROMA

Eu estava ao vivo pra um canal de televisão...

PESSOA 1

Aqui tudo é controle, não se esqueça disso. Aqui não adianta se esconder, eles sabem tudo sobre você, até a cor das suas meias...

ROMA

Quem são vocês?

PESSOA 1

Pessoas, viemos assistir ao concerto com você. Somos pessoas!

ROMA

Concerto?

PESSOA 2

Adoro!

PESSOA 1

Você ainda não percebeu? Estamos todos dançando! Dançando em Casulo!

PESSOA 1

O dramaturgo que pediu?

ROMA

Dramaturgo?

PESSOA 1

Dramaturgo!

PESSOA 2

Adoro! Dramaturgo. Adoro!

PESSOA 1

Dramaturgo!!! Ele quer ser Deus! Nessa história ele que manda e faz chover!

PESSOA 2

Adoro. Adoro, adoro, adoro!

PESSOA 1

Você acredita?

ROMA

Acredita em quê?

PESSOA 3

Em Deus, amiguinha...

ROMA

Que Deus? Que dramaturgo, que porra é essa?

PESSOA 3

Não tem porra!

PESSOA 2

Tem adoro!

PESSOA 3

Não tem!

PESSOA 2

Tem adoro!

PESSOA 1

Adoro tem! Porra não!

ROMA

Vocês estão drogados, bêbados, são dementes? Tomou algum remédio que... O que tem Deus e o dramaturgo? Que dramaturgo é esse?

PESSOA 1

Ele que escreveu a tua história. Ele colocou a gente aqui...

ROMA

Colocou pra quê?

PESSOA 1

Complicada essa
pergunta.

PESSOA 2

Adoro!

PESSOA 1

A gente não pode falar do futuro... Você pode entrar no mar outra vez e voltar... Quer? Essa opção ele deu, digo, disse que você poderia voltar, acabar a peça aqui, mas também é um obstáculo, voltar pode ser o fim, da peça, e claro, da sua história, da sua vida, óbvio.

PESSOA 2

Adoro!!!

(Concerto. Uma mulher canta solitariamente.)

CENA 4

RUA DESERTA. ROSA TOCA-SE ABRUPTAMENTE. AO LADO UM ASPIRADOR DE PÓ.

ELA PROCURA ALGO NA BOLSA. ROMA APROXIMA-SE DELA.

ROMA

Senhora...

ROSA

Não fale comigo agora!

ROMA

Necessita de ajuda?

ROSA

De dinheiro, de vinho, de sexo, de dinheiro, de vinho, de sexo... De pornografia, orgia, lambidas em todas as vértebras da coluna, de sopradas nas virilhas! Eu gostaria de centenas de línguas banhando de saliva o meu corpo. Eu gostaria de comer um pastel em paz, meu Deus!!! Eu necessito de tanta coisa, onde foi parar essa merda de... Eu queria um homem que me fodesse sem pensar na mãe...

Você não cruzou com a melhor pessoa do mundo neste momento...

ROMA

A senhora é...

ROSA

Do céu, do inferno, do céu, do inferno, do céu... Eu sou da feira livre...

ROMA

Estou procurando...

ROSA

Não conheço...

ROMA

Não conhece o quê?

ROSA

O que você procura...

(Encontra um telefone. disca.)

Já falei que não conheço, caralho... Alô! Quem? Sou eu, Rosa... Ele falou o quê? O quê? Pra onde?

Onde fica isso? Onde é isso? O quê? Pra eu o quê? O quê? Do quê? Eu o quê? Pra eu sumir? Que ele também vai sumir... Que merda é essa? Alô... Alô...

(Silêncio longo.)

Já falei que não conheço, desaparece daqui, não seja inoportuna... Você acha que o mundo sabe de tudo, não, o mundo não quer saber e eu também não quero saber... Tá procurando no lugar errado, tá procurando quem? Você? O mundo inteiro vive aqui? Quem vem parar aqui? Que merda... Você veio pegar meu dinheiro...

ROMA

Não!

ROSA

Você furtou meu dinheiro, minha tranquilidade...

ROMA

Não! Pelo amor de Deus...

ROSA

Vou chamar alguma autoridade já, agora, não é polícia não, é autoridade mesmo, gente que faz valer cada pingão de leite que sai do meu peito... Eu quero o meu dinheiro, meu dinheiro sumiu! Minha paz sumiu, virei um poste cagado no meio do mundo, eu virei o que não queria virar...

ROMA

Não, não é isso, vi que a senhora estava perturbada e...

ROSA

Eu sou perturbada, louca, desorientada, a cachorra sem dente que cheirou a cocaína da Colômbia inteira! Ser perturbada não é ilegal! Ser perturbada é até questão de orgulho nos dias de hoje, suma!

ROMA

Desculpa...
(sai andando lentamente)

ROSA

Esquece essa coisa de pedir desculpa, isso é coisa civilizada demais pro nosso tempo contemporâneo. Os dias por aqui não precisam de idioma, identificação desculpas! Escuta, eu também não sei quem eu sou, vivo buscando até ar pra respirar! Estou me procurando também desde que nasci! O que estou fazendo aqui?! O que eu estou fazendo aqui? Me diz, o que eu estou fazendo aqui? Eu desapareci, desapareci, sabe o que é isso? Eu perdi tudo, até a virgindade, perdi minha parva virgindade, podia ter casado com o filho do rei, mas não, fui-me deitar com um sem futuro que apenas me

comeu e depois ficou em depressão, foda-se!

ROMA

Eu imagino que a senhora não...

ROSA

Imagina nada! Você é uma cadela atrás de carinho, vejo nos seus olhos toda merda do medo, da carência, do desejo de ser abraçada... Me paga um vinho? Seja civilizada! O que você quer?

ROMA

Nada, eu não quero nada...

ROSA

Foda-se! Como não quer nada? Quer ir pra cama comigo?

ROMA

Eu apenas quero...

ROSA

Eu também quero, foda-se! Chamei você pra ir pra cama, não chamei pra fazer amor! O que você está procurando?

ROMA

Não sei, eu não sou daqui...

ROSA

Quem é? Foda-se de novo! Sumiu? Você veio parar aqui?

ROMA

Sim.

ROSA

Sim o quê?

ROMA

Vim parar aqui!

ROSA

Faz tempo?

ROMA

Nao sei...

ROSA

Mas você sumiu?

ROMA

Sumiu como?

ROSA

Sumiu, como se some? Sumindo, diga se sumiu por loucura, falta do que fazer... Porque sumiu?
Sumiu porque quis sumir?

ROMA

Não faço ideia do que a senhora...

ROSA

Eu também sumi e estou aqui, olha que contradição da porra. Eu nunca gostei de coisas inventadas pelo homem, até Deus eles... Não vou pôr Deus nessa cachorrada não! Em alguma parte do mundo a gente existe, anote aí na sua memória animal digital! Como você se chama?

ROMA

Roma!

ROSA

De Nero! Do incêndio? Você vai incendiar essa cidade também? Por que essa pergunta? Porque hoje em dia é moda causar incêndio, até na natureza, se brincar, anote o meu ponto de vista jovem sumida, se brincar, não duvide, qualquer dia vamos queimar pessoas em fila de metro. O povo quer fumaça, fogo, nem que seja fogo de corpos carbonizados. Diz uma coisa: você acha que fé e reza vão encher a barriga de quem tem fome, nem sei porque falei isso, mas falei e está valendo. Aqui tudo vale, até seu corpo transformado em cinza. E digo mais, e se paga por isso, pelo seu corpo transformado em cinza! Morrer custa caro, está acompanhando minha filosofia cachorra? Então você é Roma de Nero!

ROMA

De amor ao contrário.

ROSA

AMOR... ROMA AO CONTRÁRIO, AMOR, AMOR, AMOR, ROMA, AMOR, AMOR, ROMA ao CONTRÁRIO... Você me parece uma boa pessoa. Isso não significa muita coisa, aliás, não significa nada, nossa, agora eu quase voltei acreditar que mulher usa rosa e homem usa azul. Eu me chamo Rosa, apenas Rosa. Não sei se ao contrário, falo do meu nome, não sei se daria alguma coisa,

causaria algum incêndio como Nero, pelo menos é o que dizem, que ele incendiou, Nero devia ser bem doido! Mas é coisa de humano, digo, o incêndio aqui é também muito suspeito, bom Roma, eu sou uma ROSA e ROSA ao contrário é... ASOR... ASOR... O que merda é ASOR? Rosa, minha camarada jovem sumida, Rosa! Eu!

ROMA

Até mais...

ROSA

Quer subir?

ROMA

Pra onde?

ROSA

Pra minha casa... É aqui neste edifício, aqui só mora gente sofisticada, não se preocupe, o melhor do mundo contemporâneo, que caralho, essa palavra toda hora sai na porra do meu diálogo, to falando de contemporâneo. Então, o melhor do universo desfila nesse pedaço, aqui é o presente do mundo real e todo mundo continua acreditando em Deus e nas regrinhas dos filhos dele, digo, acreditando em nós, os inteligentes e criativos que criaram as regrinhas do campeonato the planet... Lá naquela luz, tá vendo? Eu moro lá... Lá perto do céu... E do inferno...

(Silêncio longo.)

E aí, como ficamos?

ROMA

Você trabalha por aqui?

ROSA

É uma entrevista?

ROMA

Não, apenas perguntei se trabalha por aqui.

ROSA

Quer emprego?

ROMA

Apenas perguntei se trabalha por aqui.

ROSA

Quando encontro alguma vítima sim, eu trabalho, trabalho sim, muito até!

ROMA

Você é...

ROMA

Eu mato pessoas!

ROMA

Mata como?

ROSA

Mato. PORRA, VOCÊ É CURIOSA! EU MATO! Arranco o coração, o calcanhar, os pelos da nuca, eu corto a língua delas e jogo pros gatos, eu arranco e esmago o osso da canela, a rótula do joelho, eu mato, faço o ser ficar sem vida, mato, mato sufocado, com tiro, queimado, mato de fome, de desgosto, eu mato, deixo amarrado dias, pendurado pelos dedos dos pés até os dedos se soltarem do corpo, da pele, e o corpo despencar, despregar, cair de cabeça no chão e esmagar o cérebro, ah, eu também corto o pescoço e coloco a cabeça pra secar na janela para os pombos carnívoros devorarem tudo e ficar só o crânio em estado puro, apenas o osso, aqui os pombos são piores que abutres...

Vamos pro teatro?

ROMA

Eu sou atriz...

ROSA

Eu também. Mas prefiro o mundo dos imperfeitos.

ROMA

Não percebi...

ROSA

Eu sei... Então, se cansar de tudo isso, segure, (*Entrega um papel para Roma.*) procure esse lugar, diga que você é uma conhecida minha...

ROMA

Quem é você?

ROSA

A mesma do início da cena, a Rosa fantasma do teatro... Eu sou uma artista, uma atriz que se partiu nisso tudo, somos fantasmas! Inventaram Deus pra gente se sentir sempre descalços, pedindo que caia do telhado a resposta pra nossa conta bancária! O horror é não reagir mais, Roma, é observar como um cão faminto um pedaço de carne que nunca irá comer, o casulo não é uma borboleta e não tem beleza e nem liberdade, Roma. Esse momento é o início do fim, o caos, o parar, o morrer senta- do numa praça observando os POMBOS devorarem os nossos olhos já apodrecidos, tudo apodreceu subtilmente, a família e todos os seus derivados apodreceram, o casulo se libertou, voou como um disparo selvagem e letal e ele saiu da sua casa, da minha, da sua cama, da minha, do abraço que você recebia antes de sair pro trabalho, saiu como um bárbaro impiedoso, cheirando a sangue, e não duvide, você só vive porque precisa cuidar de alguma derrota que você construiu dias atrás! Inventaram a tal responsabilidade pra curar a culpa de se gerar filhos sem amor, ter O SELO da culpa e a obrigação de cuidar dessas PRAGAS que crescem, que falam, e que, sem nenhum remorso, vão cometer os mesmo crimes que você cometeu um dia, que eu cometi, aliás, que cometemos todos os dias ao lado dessas crias inventadas e geradas por todos, por mim e por você e pela desgraça de conceber esses inocentes e transitórios seres, porque não existe amor, Roma, existe obrigação, é um deserto, é dolorido e não tem solução. Isto aqui é apenas mais uma história que não tem nome bonito, mas, quem sabe até, pode ter três letras, e talvez, possa se chamar FIM. (*Silêncio.*) Não me procure mais, nem hoje e nem nunca, preciso de uma dose de fantasia pra me encontrar com Deus...

CENA 5

PRAÇA PÚBLICA. ROMA COM UM MICROFONE.

ROMA

Um quarto, necessito de um quarto, onde encontrar? Necessito de um lugar, um quarto, um quarto pra morar! Um quarto, por compaixão. Necessito de um quarto pra morar! Me alugue um quarto.

Quero um quarto, um quarto, será que é preciso implorar! Me alugue um quarto, por favor, um quarto, você pode me alugar um quarto, você, você pode me alugar um quarto, necessito de um quarto, senhor, senhor, senhor, o senhor pode me ajudar? Quero um quarto, um quarto para morar. O senhor pode me ajudar, um quarto, eu quero um quarto, não tenho onde ficar, um quarto, eu preciso de um quarto pra morar...

HOMEM

Um quarto? Quanto você pode pagar?

ROMA

O que eu puder, não vou te enganar.

HOMEM

Posso te ajudar, quanto você pode pagar?

ROMA

O justo. Posso agora mudar? Quero um quarto, quero trabalhar!

HOMEM

O quarto é seu! Estou a me mudar, a casa não é minha, mas já falei com os donos e eu posso arrendar.

ROMA

Obrigada! DEUS, não posso reclamar. Obrigada!

HOMEM

De nada! Seja respeitosa, mantenha sempre a casa limpa, organizada, isso agora é o seu lar.

ROMA

Obrigada!

HOMEM

De nada! Você também quer trabalhar?

ROMA

Muito, por favor, obrigada, se o senhor puder e não for atrapalhar!

HOMEM

Procure essa pessoa. Ela vai te arrumar.

ROMA

Obrigada! Que milagre! Acho que estou a sonhar!

HOMEM

Fique bem, sonhos acabam, depois não adianta chorar...
(*O Homem sai.*)

CENA 6

Sala de um apartamento. A mãe de Felicidade está sentada numa cadeira. Felicidade mostra o apartamento para Roma.

FELICIDADE

É isso. Entendeu tudo que falei, Roma? É Roma, não é? Então, Roma, é tudo muito simples. Vem, abre as janelas, conversa com ela, serve a comida, não precisa se preocupar, ela nunca fala. Qualquer coisa você me liga. Mas só me ligue em caso de urgência mesmo. Tipo: olha Felicidade, sua mãe morreu! Percebeu? Não quero atrapalhar minhas férias e o verão aqui vale ouro, bela! Se ela chorar, ou fizer alguma coisa estranha, não se preocupe, é a idade. Agora ela pode reclamar um pouco por causa do calor, isto é conversa, bobagem. Ela quer o quê? Tá viva, o calor faz parte da vida. Se morresse não teria mais esse problema, nem ela e nem eu! Bom, a comida dela é simples como te falei. Ela não bebe muita água. Acho até bom, vai que os rins param de funcionar e acelera esse processo. Que merda! Quanto tempo eu perco na vida aturando essa situação! Ah, se ela pedir pra sair, passear, essas coisas chatas, não dê ouvidos... A gente era uma família estruturada, sabe Roma, mas ela com essa teimosia dela, olha nem te falo. Ela tinha esse negócio de ajudar, de dividir, de querer igualdade, sonho, né, é ou não é? Sonho que só arreventou nossa família! Veio a crise e a gente perdeu quase tudo, agora eu vivo correndo pra tentar ter pelo menos uma vida divertida! Mãe, essa é a pessoa que vai ficar com a senhora, não dê trabalho... Contando os minutos pra chegar à praia, esquecer esse mundo, ser feliz! Alguma pergunta, Roma?

ROMA

Não senhora

FELICIDADE

Não me chame de senhora não, bela! Me chame pelo meu nome!

ROMA

Desculpe, dona Felicidade!

FELICIDADE

Não precisa pedir desculpa também não, bela!

ROMA

É...

FELICIDADE

Mãe, seja comportada, dê graças a Deus que eu arrumei essa pessoa pra ficar aqui... Ah, Roma, cuidado com as janelas abertas, os pombos costumam entrar, e pombos não são bichos confiáveis, quero dizer, nada hoje em dia é muito confiável! Mas é o preço pra se viver, eu quero é...

ROMA

Ela nunca fala?

FELICIDADE

Não, deixa assim, melhor, se ela falasse... Eu queria mesmo era vender essa casa e mandar ela pra algum retiro pra velhos, isso sim, isso sim seria uma grande virada, os velhos só dão trabalho, mas um dia isso acaba, é minha esperança. Muito gasto, Roma, eu quero cuidar dos meus filhos, cuidar de mim, do meu marido, isso não é vida... Bom, é isso! Não seja boazinha com ela, preste atenção, ela não é fácil! Acerto com você quando eu voltar, pode ser?

ROMA

Claro! Obrigada!

FELICIDADE

Não precisa agradecer, bela. Se tudo correr bem, aposte, eu vou te fazer uma proposta, uma proposta que pode mudar sua vida. Até, querida... Mãe, seja boazinha, se comporte! Não faça cena, nem drama, Roma não precisa passar por uma tragédia, muito menos do teatro que a senhora faz questão de fazer... Até mais. Roma, só atrapalhe o meu verão em caso de morte! Dela, óbvio!

Fique bem, queridinha!

(Felicidade sai. Silêncio.)

CENA 7

PALCO DE UM TEATRO. O ATOR ENTRA.

ATOR

Eu desapareci no meio disso tudo. Me sinto em completo exílio nessa suposta peça abandonada.

Isso está muito confuso. Quem escolheu esse local, esse tema? O dramaturgo, claro que foi ele! Ninguém vem pra cá, ninguém quer saber de dor, o povo tem conta pra pagar, o que significa isso?

Um casulo de Casulo? Um drama sangrento? Eu quero fazer comédia, chega de drama, eu quero fazer comédia. Drama existe em cada janela que se abre, em cada esquina, em cada lar aos domingos. Chega de drama! Sou ator. Ator. Ator!!! Eu sou ator! Nem me venha com drama. Eu deveria ser o protagonista. Eu pertencço ao teatro e ele me ama, o teatro me ama, o teatro sou eu! Eu sou um

ator! Eu sou o teatro!

DIRETOR

Você é ator?

ATOR

De quem é essa voz? É um fantasma? É Hamlet, é o quê? É Caetano Veloso?

DIRETOR

Deixa Caetano fora disso!

ATOR

Quem fala? É o guarda-redes do Benfica?

DIRETOR

Eu.

ATOR

Eu quem, querido? Eu é algo muito mais do que você imagina, eu é algo muito complexo... Apareça! Mostre sua cara, não quero seu poder, quer beijar minhas partes escondidas, tenho tomates, gosta de tomates, ou prefere coisas maiores, laranjas por exemplo, quer uma laranjada oral, anal ou vaginal! Eu sou da comédia, um ator cómico, eu sou o cheiro do bico do peito do presidente!

Apareça!

DIRETOR

No momento certo!

ATOR

Foda-se...

DIRETOR

Você é ator?

ATOR

Sou, caralho, sou ator, pronto, foda-se, sou ator, mas posso ser atriz, posso ser um vagalume, posso ser até secreto de porco preto, a pila parafuso do porco preto, posso ser um cachorro abandonado, eu posso ser o olho cortado no filme do Buñel, eu posso ser o auto-retrato do William Kentridge nu, adoro grisalhos, o cheiro dos grisalhos, a pele dos grisalhos, a maneira como eles desejam um corpo, eu gosto dos grisalhos porque eles gostam de safadesa, cachorrada e bruxaria, gostam de tudo até no tronco da árvore de natal, até cortando a unha do pé esquerdo os grisalhos são delícias.

Grisalhos são fundamentais aos domingos, eles tremem com tesão, eles mostram o pau até em feriado, adoro grisalhos com bunda lisa, com saliva que mais parece lubrificante, você é grisalho? Eu posso ser o que você quiser, até uma bailarina correndo, nua, na beira do rio, cantando eu sou neguinha do Caetano, sou o que você quiser se você for grisalho, eu posso ser até Freddie Mercury sem bigode, eu sou o que sou. Homem, mulher, trans! Eu estudei pra ser o que os outros não conseguem ser, eu sou cômico, eu faço o povo ser feliz, gargalhar, eu sou o plá da Aldeia encantada, meu bem! Eu sou a maluca travestida do Chiado com a pila pegando fogo. Eu posso ser até suas partes íntimas que você não consegue lamber. E eu não tenho plumas, ninguém diz que eu sou o que sou e porque sou e da forma que sou. Eu sou e sou e sou o espirro da CONA CANIBAL. Já viu uma cona canibal? Ela morde, engole e cospe ao mesmo tempo, eu sou ator. Pronto. Apareça e me diga se valeu minha performance!

DIRETOR

Não valeu. Sou o diretor.

ATOR

Diretor de quê? Vai me falar dos livros que leu, da sua experiência amarga, do peso quando sobe na balança, da pila que não canta mais we are champions?

DIRETOR

Olhe o respeito!

ATOR

Filhinho, respeito rima com peito, com leite, com azeite, rima até com chupa direito... O papel é meu?

DIRETOR

Não. O papel não é seu.

ATOR

Não? Você é chato, um carrapato cego, um bobinho... Adoro! Quem paga mais? Quer abusar da minha boa vontade, da minha carne corporal ou da minha miséria? Você acha que emprego de ator tá caindo dos aviões que passam sobrevoando essa cidade, ou você acha que emprego de ator vem com os turistas que chegam todos os dias aqui, acha? Acha? Acha? Pois não, não, não acha não, não acha mesmo! Eu ando voando por aí que nem um abutre esperando um convite até pra interpretar um pastel de Belém! Amigo, Diretor, isso aqui é um teatro e esse monte de atores, no caso personagens, pelo menos aqui eles tentam ser personagens, estes que cá estão segurando essas maletas, o que eles acham do salário no fim do mês? E o que é isso que eles estão fazendo? Eu faço o quê? O que você quer dizer com isso?

DIRETOR

Ok. Obrigado, a gente entra em contacto caso você seja necessário...

ATOR

Caso eu seja o quê?

DIRETOR

Necessário!

ATOR

Você me chamou aqui pra me falar que vai me chamar caso eu seja necessário, é isso? Acorda, elefante domesticado, essa tromba não leva leite pra tua boca, eu quero o meu papel, não vim fazer um casting pra ficar esperando se eu sou necessário, não, não, chame toda produção do projeto agora,

agora, agora, ou eu vou fazer você engolir tudo que a plateia oferecer, e a plateia quando é generosa oferece muita coisa, coisa que até anão holandês duvida, se bem que não existe holandês anão, ou existe? Bom, eu quero o que vim buscar ou eu vou abrir sua boca, eu vou enfiar minha perna no seu rabo, eu vou deixar você verde de tristeza, eu vou oferecer você, você não, os pedacinhos que vão sobrar de você, eu vou oferecer todos eles para os...

DIRETOR

Ok. Não adianta, você não tem controle corporal, dicção apropriada, você não tem tempo pra nada, tá tudo jogado... Next!

(Entra uma Mulher da Limpeza carregando um aspirador.)

MULHER DA LIMPEZA

Então!
(Silêncio longo.)

ATOR

Ai malta, é difícil, difícil fazer isso, nem sei o que falar...

MULHER DA LIMPEZA

Também acho eu... Vem cá, você tá fazendo o quê mesmo? Que personagem? É panelheiro, é hétero, ou é apenas um homo/trans/cis/hétero/cawboy pau delícia latino americano? Acabou o ensaio? Posso limpar o palco?

ATOR

Momento... Então Diretor, tá muito difícil fazer isso...

DIRETOR

É porque você não é um ator completo, percebe... Ator hétero é muito complicado de trabalhar, percebe...

ATOR

Como é isso?

DIRETOR

O quê?

ATOR

Eu não sou completo porque eu sou hétero?

DIRETOR

É que confunde, fica muito na agressividade, na violência, percebe, esquece da sensibilidade, da frescura, do movimento mais bundinha falante, daí fica nesse lugar da força agressiva, violenta, percebe...

ATOR

Eu sou violento, eu sou agressivo?

DIRETOR

Acho que sim, per...

ATOR

Não fala percebe outra vez!!!

(O Ator começa a tirar o figurino e jogar com violência contra o Diretor. Começa a jogar tudo que encontra contra o Diretor. Pega uma corda. Coloca sobre o pescoço do Diretor e começa a apertar. O Diretor se debate sobre o chão. Os atores gritam.)

ATOR

Ninguém se aproxime... Eu não sou o quê, filho de uma puta? Preparado? É isso? Eu não sou preparado porque eu sou hétero? Pois vou mostrar como se dirige um ator hétero, é por ser hétero que não sou preparado, é isso? Então eu sou hétero e não sou da sua turma, daí, eu, por ser hétero, hétero, hétero, hétero, que é a maioria absoluta no mundo, por ser hétero, eu, eu, eu hétero, tenho que passar por esse tipo de abuso, um abuso num mundo onde eu sou maioria, é isso? Você é o quê? Eu sou hétero, sim, sou hétero, gosto de mulher, gosto muito de mulher, de comer mulher, de beijar mulher, de foder mulher, eu gosto de mulher e sou hétero e não vou deixar de ser ator porque eu sou hétero e você não vai deixar de me chamar pra fazer uma personagem porque eu sou hétero, então eu sou hétero, hétero, hétero e eu sou ator e eu vou fazer essa personagem, porque eu trabalho e eu sou hétero... É realismo, é verdade, é selvageria, é violência que você quer, então vamos ao paraíso dos defuntos neste momento...

(Os atores gritam.)

ATORES

Não mate o diretor, please!!!

DIRETOR

Ok. Vamos repetir!

ATOR

Ai, nego, de novo?!

CENA 8

ROMA SONHA COM ROSA DEVORANDO CARNE CRUA.

ROSA

Não fique achando que o mundo é apenas o quintal da sua casa, ou talvez, veja bem, não ache que você é uma escolhida na sua profissão e assim, preste atenção, você pode exercer esse lugar de importante, do poder, de vencedora pros seus coleguinhas que supostamente te enxergam como vencedora. O jogo aqui é outro, companheira! Tudo tem validade, jamais esqueça disso! Não esqueça que Deus ta vendo tudo e não vai fazer nada. Deus não vai fazer nada nem por você, nem pela campeã que você quer ser. Outro dia escrevi pra Deus e ele me respondeu, sabe como, sabe ou não sabe?

Então, ele veio aqui, sim, uma conversa cara a cara! Assimilou o barulho retórico do velhinho que vive acima das nuvens? Pois bem, foi conversa na real, foi na lata, não foi por email, whatsapp ou mensagem de facebook, não, ele veio aqui e sentou-se naquele canto ali comigo, comeu minha batata frita, comeu com gosto, tomou um gole de vinho vagabundo e me disse que estava bem chateado, bem de saco cheio de ter que toda hora mudar de endereço. Ele, Deus, ele não quer saber mais de pagar a conta de ninguém. E foi muito claro: quer matar, mate, mate com bombas, mate de fome, mate com doenças, mate até de amor, mas não venha colocar ele como justificativa pra esse show humano! Sim, porque parece que desumano nesse universo atual é ele, Deus! Deus é desumano! Faz sentido! Sabe, ele, Deus, to falando de Deus, ele tá pensando seriamente em mudar o sentido da palavra fé. Ele tá pensando em mudar de planeta. Já colocou o céu pra arrendar, o céu está em liquidação, SALE, e parece que ninguém está entusiasmado com o negócio! O céu parece um negócio sem lucro! Então, o negócio se já era macabro com Deus acima da gente, e com endereço, morada e tudo conhecido, se a gente sabendo onde Deus existia, que era só colar no céu que a gente encontrava o camarada, agora pensa: agora com essa paradinha dele querer mudar de sítio, de lugar, te digo mais uma paradinha nervosa: vai ferver esse mundinho besta! Deus perdeu pro Deus virtual! E te digo mais, ele não ficou chateado com isso não, ele me falou que troca muitas ideias com esse Deus virtual PONTO COM, e O DEUS VIRTUAL até criou um grupo

secreto com ele, Deus agora tem perfil e tudo, ele ficou tipo vinte e nove de Agosto! E sabe o que isso significa? Ficar vinte e nove de Agosto? É pior que ficar 13 de Janeiro... Ah, você também não fique achando que o mundo é uma mesa de jantar com toda família dividindo um bacalhau, ou dividindo um sofá da sala repleto de sangue, do mesmo sangue, assistindo séries sangrentas da netflix. Não é, nunca será nem de perto nem de longe. Não pense que o mundo que sua mãe fala é verdade, não é, que o que o seu pai fala é verdade, também não é, que os velinhos vizinhos da sua casa são pessoas ruins, não, não são, não se esqueça que você saiu de um corpo feminino, como todos desse planeta, homens,

mulheres, sim, os homens saíram de um corpo feminino, ACREDITA? Esses mesmos homens que matam mulheres, que somem com mulheres, homens que torturam mulheres, homens, homens que humilham mulheres, homens que exploram mulheres, que cospem em mulheres e homens que fodem mulheres, eles todos saíram de um corpo feminino, alguma coisa existe nisso, ou não?

CENA 9

QUARTO DE ROMA. MADRUGADA. ROMA DORME.

ENTRAM DONA MADAME DO CABA RÉ, REPÓRTER, INVESTIGADOR E FELICIDADE.

DONA MADAME DO CABA RÉ

Acorde, queridinha... Acorde! Dormir pra sonhar já não faz sentido neste momento. Acorde, olhe pra mim e preste bastante atenção no que vou te falar. Vamos, acorde sem pestanejar! O assunto aqui é pra mudar o rumo da história! Acorde que preciso falar!

ROMA

O que significa isso?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Vejo que já fez uma pergunta sensata! Percebo que é esperta! O que significa isso é incrível, incrível, uma pergunta incrível e eu vou te responder sem a necessidade de estalar os dedos.

ROMA

Como entraram aqui?

REPÓRTER

Entrando! Descubro todos os furos de Casulo, gata! E aqui tem um furo imenso!

INVESTIGADOR

Entramos pela porta!

ROMA

Dona Felicidade, o que aconteceu? Sua mãe está bem?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Morreu!

FELICIDADE

Ainda não...

INVESTIGADOR

Morreu. Mesmo!

FELICIDADE

Não, ela é que vai matar, não foi o combinado?

REPÓRTER

Não filma agora, Pilão! Gente, vamos seguir o texto, sem improvisação! Isso aqui é sério!

INVESTIGADOR

Mesmo!

ROMA

Matar quem? Quem é pilão, ele?

REPÓRTER

Não, ele é o Investigador de Casulo. Não sei se ele é do mesmo naipe de Pilão, mas meu Pilão é o câmara, é potente e competente e fala a língua da gente, pelo menos no meu caso, Pilão que sempre está invisível pro mundo, é discreto, é o olho do mundo, mas ele pra mim, por mim, em mim, jamais ele está invisível! Tudo, eu sinto tudo, Pilão! Você vai ser explorada de todas as formas, digo, sua imagem, Roma.

ROMA

Onde está o senhor que me alugou o quarto?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Ele não faz parte de cena, delicinha. Aliás, ele não vai mais aparecer nesta história! Acho! Bom, você agora vai parar de perguntar e ouvir, a gente não veio aqui pra fazer festinha pra velhos tarados, podia até fazer uma surubinha, um bacanal bem gostoso, porque aqui todos gostam de

cachorrada, olimpíadas e salto na vara, me quebro quando falo desses assuntos! Também vejo que aqui tem muitas línguas famintas por um cuzinho novo, mas o momento é sério, não é que chupar o buraquinho delicinha não seja, atenção! Mas vamos resolver o que foi designado pelo poder maior de Casulo, dois pontos: você será, será não, você foi designada pra resolver algumas paradinhas, coisa de protagonista, que é o seu caso aqui no meu filme teatral, gosto de enlouquecer no palco, no pau, gosto de enlouquecer até chupando manga, amo sem restrições! Roma, você vai resolver alguns problemas que estamos enfrentando, coisa simples, você vai realizar cantando parabéns!

ROMA

Eu?

REPÓRTER

Você, gata!

ROMA

Você é quem eu estou pensando?

REPÓRTER

Sem dúvida! Essa pergunta parece-me um pouco fora de contexto, pois não? Parece querer justificar algo, é cena, é estrutura dramática da sua mente diabólica, é o quê?

ROMA

E a senhora?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Não fique assustada não, danadinha, você é minha atriz...

REPÓRTER

A coisa é séria, Roma!

ROMA

Sim, sou atriz, mas...

REPÓRTER

Não precisa ficar falando que você é atriz toda hora, cansa!

ROMA

Mas eu ouvi na praia ela dizendo que estava fazendo um filme comigo, sem minha autorização, e depois sumiu, eu tenho direitos...

REPÓRTER

Não tem não, gata! Esquece isso aqui, aqui você não tem nem cova pra se enterrar.

ROMA

O que é isso? Saiam daqui! Ela...

INVESTIGADOR

Ela não. Esta senhora aqui é a nossa DONA MADAME DO CABA RÉ, ela será a nossa comandante dentro de alguns dias. MESMO!

ROMA

Comandante?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Delicinha, olha aqui pra tia QUE FAZ ATÉ BORBOLETA EJACULAR, isso! Agora é o seguinte... Tenho tudo sobre você, tudo... Vamos dialogar em alto nível, parva eu nunca fui e depois de alguns anos, não duvide, eu faço roleta mudar de sexo se for preciso, então seja boazinha, filha, bem boazinha que seu filme está quase chegando ao fim...

ROMA

Que merda é essa? Deixa eu tentar entender o que está acontecendo...

DONA MADAME DO CABA RÉ

Não está acontecendo nada E NÃO TEM QUE ENTENDER nada, fofinha, VALHA-ME DEUS...

FELICIDADE

Roma, lembra que te falei da proposta, de uma grande proposta, lembra? Então, chegou o momento...

REPÓRTER

Felicidade, sem drama, já basta o texto que você fala.

ROMA

Espera...

REPÓRTER

Gata, não espera nada, escuta, vai ser bom.

INVESTIGADOR

Seguinte... A mãe dessa senhora precisa morrer. MESMO!

FELICIDADE

Exatamente.

DONA MADAME DO CABA RÉ

Boa, investigador!

INVESTIGADOR

E você foi escolhida pra cometer o crime. Digo, aniquilar essa mãe que já não serve pra Casulo.

ROMA

Eu o quê?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Matar!

INVESTIGADOR

Matar

REPÓRTER

Matar!

FELICIDADE

Matar, matar minha mãe, a senhora que você cuida, matar a mãe da sua amiga Felicidade... Escuta, bela, é... Você resolve muita coisa na minha vida fazendo isso, mais do que você imagina, percebeu? Resolve a sua vida, a minha, resolve CASULO!

INVESTIGADOR

Isso mesmo, naturalmente, obviamente, sabiamente, atenção, com todo cuidado e UM PLANO muito bem arquitetado, e com uma estrutura dramática perfeita! MESMO! Você mata, investigamos, naturalmente descobrimos o caso, a assassina impiedosa, você no caso, lógico, parando pra pensar, assim, vamos demorar alguns dias, primeiro vai sair na mídia, todo mundo de

Casulo vai ficar horrorizado, opinião pública em cima, população, enfim, um cu pra conferir MESMO, mas será resolvido e dai, eu, o INVESTIGADOR maior do bairro, eu, eu vou descobrir quem cometeu tamanha atrocidade. E dai revelo quem foi, como foi e porque foi, fogo, foda-se, veja você, eu salvo o nosso território, me torno o herói de Casulo! Agora o mais importante, papai!

E quem matou a mãe de FELICIDADE? QUEM?

REPÓRTER

Quem?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Quem?

FELICIDADE

Quem?

INVESTIGADOR

Quem? Você, Roma! MESMO! Foi você quem matou!

DONA MADAME DO CABA RÉ

Ainda vai matar, atenção! Não vamos colocar a carroça na frente dos bois pra merda não cair na boca da gente!

INVESTIGADOR

Exatamente! Mesmo! E quem vai ganhar com isso? Todos nós, a DONA MADAME DO CABA RÉ será eleita porque eu, O INVESTIGADOR, o herói de Casulo, eu mesmo, apoio nossa DONA MADAME DO CABA RÉ nestas eleições! Mostramos para o Casulo que com ela eleita...

DONA MADAME DO CABA RÉ

Veja que bandeja de laranja!

INVESTIGADOR

Com ela eleita, MESMO, nossa terra estará sempre protegida! MESMO!

DONA MADAME DO CABA RÉ

Você deve estar se perguntando o que vai ganhar com isso, pois não?

REPÓRTER

Liberdade, Roma!

INVESTIGADOR

MESMO! Liberdade. MESMO.

FELICIDADE

Você vai poder voltar pro lugar de onde veio, voltar pra sua terra, sua aldeia, e quando a gente descobrir, pronto, você já não existe mais aqui. Ah, vamos pagar sua passagem, vamos colocar você com uma base financeira boa. Até uma casa você vai poder comprar.

REPÓRTER

Felicidade, não prometa aquilo que você não pode cumprir.

FELICIDADE

Mas não era esse texto que eu deveria falar?

INVESTIGADOR

Não mesmo!

ROMA

Mas eu não quero isso...

INVESTIGADOR

Anda cá! Olha aqui, olhe bem, bem mesmo nos meus olhos mesmo... VOCÊ NÃO TEM ESCOLHA. SE VOCÊ NÃO MATA, NÓS MATAMOS. A MÃE DE FELICIDADE PRECISA MORRER, MATO EU, mesmo! Eu mato mesmo!!! Sou uma autoridade e em Casulo autoridade é livre até pra mudar a cor do céu! Mato a mãe de felicidade, mato você, mato tudo! O QUE VOCÊ NÃO PERCEBEU DESSA PARTE? PODE ME FALAR QUE EU TE AJUDO A PERCEBER.

ROMA

Eu percebi. Acho que o senhor está um pouco estético, digo, histérico! Não vou matar ninguém!

REPÓRTER

Não vai?

FELICIDADE

Como não vai?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Vai, queridinha, vai sim, valha-me Deus, que cu de sapo é esse que vamos ter que costurar...

ROMA

Não, não vou não. Não quero voltar pra minha terra...

FELICIDADE

A gente te manda pra qualquer lugar, Roma, escuta, bela, é sua chance na vida, escolha o lugar, a gente manda você pra lá...

REPÓRTER

Isso mesmo! A gente manda!

ROMA

Por que tem que ser eu? Tanta gente nesta terra, e eu é que tenho que fazer esta merda! Foda-se, o que deu na cabeça de vocês?

REPÓRTER

Por que você é a protagonista perfeita pra história!

ROMA

Protagonista de quê?

INVESTIGADOR

Que porra de personagem é você? A donzela de algum livro pra adolescente do século XV?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Você não é daqui, satanás! E não sendo daqui é muito mais fácil pra gente desenvolver o plano PLÁ, o furdunço, porque aqui ninguém mata quem é daqui, FILHA... Pelo menos a gente faz de conta que não mata, percebe? Isso tem que ser algo grande pra gente explorar ao máximo, e sendo você, uma forasteira, uma pessoa que não é daqui, resulta, atenção! Fica mais fácil resolver a porra do sururu que vem pela frente, resolve-se TUDO, filha! A gente até pode pedir que seja proibido a entrada de qualquer pessoa que não pertença a Casulo, sou partidária das fronteiras, veja que Deus criou o mundo cheio de mar, água separando tudo, ou você não percebeu porque o homem tem dois tomates? Foda-se... Não gosto de falar dessas partes, de homens, parece que algo começa escorrer

da minha... Bom, vá, anda cá, vá! Você é a protagonista, tem que resolver meu problema. E mais que isso, você resolve seu problema.

ROMA

Que problema?

INVESTIGADOR

Problema, o que não falta na sua vida é problema! Mesmo! Muitos! Mesmo! Você não pode ser daqui. Eu não quero, ela não quer, ninguém quer que você seja daqui.

ROMA

Mas eu não quero ser daqui!

REPÓRTER

Tá complicado!

FELICIDADE

Também acho. Tá bem complicado!

INVESTIGADOR

Mesmo, mesmo, mesmo!

DONA MADAME DO CABA RÉ

Valha-me Deus! Vontade eu tenho de mamar na teta de UMA JACARÉ selvagem! É uma jacaré ou um jacaré, ou um jacaré fêmea? Foda-se! Pelo amor de Deus, filha, sua posição não resulta, queridinha! Ajuda a tia DONA MADAME DO CABA RÉ... Filha, eu sou civilizada, em público eu vibro noutra zona! Sou fina, elegante e bem disposta, esse ninho de rato é só na intimidade, que caralho!

Vamos Investigador, seja menos prático e mais idiota! Deixe o assunto claro de uma vez.

INVESTIGADOR

Vamos lá. Você precisa gravar um vídeo, a Repórter da CASULO TV está aqui pra isso. Você vai confessar que matou a mãe da FELICIDADE, vamos passar todo o texto pra cena, e como você é atriz, pronto, será mais que verdadeiro. Você vai fazer isso. Mesmo! Terá nossa garantia que só vamos divulgar o vídeo depois que você sair do nosso território.

REPÓRTER

Podemos
começar?

FELICIDADE

Vai ROMA!!!

DONA MADAME DO CABA RÉ

Claro que podemos começar, eu gosto de cinema por isso, porque você grita ação, pronto, até grelo
fala! Ação!

ROMA

Eu não posso fazer isso.

INVESTIGADOR

Me dê um motivo pra não fazer.

ROMA

Mesmo?

INVESTIGADOR

MESMO!

ROMA

Eu não mato pessoas.

INVESTIGADOR

Como não mata?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Tudo tem a primeira vez, em tudo, você sabia que NO FIM DA PRIMAVERA uma família inteira
foi morta no mar perto daqui? Assassinada, não foi truque de cinema, foi extermínio mesmo, de
uma família de Casulo, sim, belezinha da tia, mataram pai, mãe, filho e filha, quatro pessoas foram
assassinadas CRUELMENTE, e sabe o aroma do sabonete que você não sentiu, mas vai sentir,
ima- gens suas foram tiradas no barco e MAIS QUE ISSO, FOTOS DE VOCÊ pulando do
barco, percebe o que quero dizer?

(Silêncio longo.)

INVESTIGADOR

Então, ESTAS SÃO AS FOTOS! MESMO! (Entrega um envelope com fotos para Roma)

DONA MADAME DO CABA RÉ

Gosto dessa coisa de entregar fotos, é tão cinematográfica, acho que falei isso noutra peça, ai, nem acredito que vou realizar meu primeiro filme...

INVESTIGADOR

Podemos marcar o dia que você vai silenciar a velha? Em seguida gravamos sua confissão do ocorrido...

ROMA

Quantos dias?

INVESTIGADOR

Antes do inverno.

ROMA

Quantos dias?

INVESTIGADOR

Um! Um dia! Mesmo! O inverno vem pra esfriar nossos corações e acalmar o...

ROMA

Posso ficar sozinha?

DONA MADAME DO CABA RÉ

Sim, coisa rica! Oh, não se esqueça que não existe salvação pra quase nada, alegria aqui custa caro, e os nossos olhos são maiores que o céu... E as paredes são transparentes! Então, não tente nada que não esteja nesse roteiro, eu costumo mandar matar personagem desobediente...

INVESTIGADOR

No fim da tarde de amanhã, não esqueça, a mãe de Felicidade te espera... MESMO!
(*Saem todos. Roma fica em silêncio.*)

ROMA

No teatro a gente pode tudo. Até se salvar.

CENA 10

PALCO DO TEATRO. ATORES ESTÃO SE ALONGANDO. ROMA ENTRA. A MULHER DA LIMPEZA OBSERVA .

ROMA

Senhora, por favor...

MULHER DA LIMPEZA

Sim, filha!

ROMA

Posso falar com o responsável do teatro?

MULHER DA LIMPEZA

O casting acabou.

ROMA

Necessito de ajuda.

MULHER DA LIMPEZA

Ah, desculpa, filha, mas aqui não é ONG, a casa de apoio aos que não são daqui, aos estrangeiros, aos que não pertencem ao mundo de Casulo é ao lado do teatro.

ROMA

Por favor...

MULHER DA LIMPEZA

Diretor, essa pessoa quer falar com o senhor, parece que não entendeu o que eu falei, está meio perdida, confusa, existe possibilidade de ajuda?

DIRETOR

Sua entrada agora foi melhor...

ROMA

Obrigada!

DIRETOR

Vamos que vamos, que tem muito trabalho pela frente! Você é a protagonista! Vai, Mulher da Limpeza, repete!

MULHER DA LIMPEZA

Diretor, essa pessoa quer falar com o senhor, parece que não entendeu o que eu falei, está meio perdida, confusa, existe possibilidade de ajuda?

DIRETOR

Pois não...

ROMA

É que me mandaram aqui...
(*Entrega o papel que Rosa lhe deu.*)

DIRETOR

Veja bem, Rosa mais uma vez tenta fazer o papel do fantasma, Rosa, sempre Rosa... O que você quer? Ser atriz ou ter proteção?

ROMA

As duas coisas.

DIRETOR

Algum crime?

ROMA

Ainda não cometi, mas parece que não tenho escolha.

DIRETOR

Quem tem escolha?

ROMA

Acho que...

DIRETOR

Quer fazer parte disto tudo?

ROMA

Estou aqui agora, mas tenho que ir à casa da Mãe de Felicidade, a senhora que me arranhou o emprego, tenho que matar a mãe de Felicidade, como é que eu encontro um motivo pra ir adiante?

O que eu faço depois daqui?

DIRETOR

Isso é teatro, filha! A vida já está muito sem graça pra gente querer representar a vida na lógica que ela acha que tem, to falando da vida, a vida também acha, ela percebe o que estou falando, a vida não tem uma lógica gira, percebe? O que é certo é pra quem acha que é certo. Entenda, isso não diz se o que é certo é errado. E o que é errado é pra quem acha que errado é certo. Questão de nomenclatura, palavra é palavra e foi inventada, como tudo, essas coisas de nomes, certo ou errado esquece, não queira respostas claras, respostas precisas por aqui, isso é arte, mas talvez não seja, não é uma receita de bolo, se fosse assim, entenda, só existiriam gênios em Casulo! Você por acaso acha que todo mundo está fazendo uma obra prima da vida todos os dias? Em Casulo o teatro também é muito cruel! Você necessita de motivo pra um crime, certo, pense que você quer se salvar, comprar um sapato novo, ou se candidatar algum cargo público, hoje se mata até sem motivo, hoje se mata da mesma forma e pelo mesmo motivo que se escova os dentes. Pausa pro café!

ROMA

E eu vou acabar com minha história?

DIRETOR

Como todo mundo! Ensaie o seu lugar nisso tudo e depois faça o que determinaram pra sua personagem. A vida tem essa parte engraçada do fim! Pausa pro café!!!

(O Ator 2 se aproxima do diretor e de Roma.)

ATOR 2

Director, com licença, é apenas one moment a moment, please, honey darling, please! It's here now, fuck, i need falar, pode ser, eu preciso to speak? É que na outra peça, remember? Eu fui pouco aproveitado, eu acho que eu deveria aparecer more and more nessa peça, aparecer mais, ficar falando adoro é muito pouco, algo about permanecer, aparecer more em cena...

DIRETOR

Aparecer como?

ATOR 2

Não sei... I don't no, man! BUT... Mas... I need... Não sei...

DIRETOR

Se nem você sabe como aparecer mais, pensa, eu vou saber? Fique feliz que você recebe salário pra não falar. Tem mais ator nesta cidade que gente. Pausa pro café...

ATOR 2

Can EU have um cigarette?

DIRETOR

Pausa pro café não significa café apenas, você pode querer aproveitar essa pausa do café pra se masturbar lambendo o pneu do seu carro... Pausa pro café, elenco! Agora vai...

ATOR 2

I like it coisa de lamber o pneu do carro... I love meu director!

MULHER DA LIMPEZA

Posso limpar o palco, Director?! Adoro quando esse ator fala essa língua que não é nossa! Acho tão selvagem... Qualquer dia este teatro pega fogo e não vai sobrar nem o nome... As coisas acabam, sabia? Até carinho acaba! Diretor, o senhor quer que eu passe o aspirador pra tirar um pouco da sujeira do palco?

DIRETOR

Da cidade!

MULHER DA LIMPEZA

Limpar a cidade é mais complicado, Diretor, mas existe Deus pra quê, né? Mas é complicado, limpar a cidade é bem complicado. Os sujos parecem limpos, e os limpos parecem sujos, ou seja...

Mas que sujeira o senhor tá falando? Senta aí, filha, ele volta logo!

(Todos saem. Rosa fica sentada. A Mulher da limpeza passa o aspirador. A atriz que faz a personagem Repórter entra e começa ensaiar.)

REPÓRTER

Atenção, atenção, telespectadores, dores, espectadores, sabores da justiça, da liga, mais uma caso de violência abala nossa sociedade faminta por paz, a pomba da paz ficou manca, vamos bater nossas panelas, jogar no ar nossa vingança contra esse povo que só atrapalha e espalha vergonha pro nosso mundo, vamos nos unir pra limpar nossa terra desse mal! Eu, a Repórter da Casulo TV, trago em primeira e em todas as mãos os fatos reais! Foi assim, sim, bim, lim, tim, rim, explode logo mundo cão, Casulo TV está em cima e não vai deixar passar nada, vai sulcar, sugar até a última gota de sangue dessa tragédia, foi um crime bárbaro, pavoroso, nunca visto aqui, ali, em lugar nenhum, essa marginal veio pra Casulo pra destruir nossa preciosa terra, aniquilou, ceifou uma família inteira no meio do mar na última primavera, nossas rosas murcharam, que frase bonita, mas nosso Investigador resolveu o dilema, tema, casca de feijão. Essa delinquente de nome Roma, ela incendiou nossos corações, ela matou a mãe de felicidade, fez um estrago já mais visto, a humanidade perdeu a paz depois do ocorrido. Vamos entrevistar dona Felicidade, ela está em

estado de choque BRUTAL, ANAL DO MAL, ELA perdeu a sua genitora pra violência que assola nosso Casulo feliz! Dona Felicidade, conte, relate, jogue o papel na cara da sociedade, diga como se sente diante de tamanha barbárie cometida pela estrangeira...

(Entra a atriz que faz Felicidade.)

FELICIDADE

Foi tão cruel, Repórter da Casulo TV, minha mãe, minha querida mãe, foi abominável o que essa pessoa fez, foi foda!

ROMA

Ei, mas eu não matei ainda!

(Olha para a Mãe de Felicidade)

A senhora sabe porque estou aqui, não sabe? Eu tenho uma escolha, e escolher sempre faz a gente perder algo também. Veja isso, são rosas! De papel! Rosas que eu fazia sempre que os dias ficavam nublados e repletos de indecisão e medo. Fazia pra minha irmã que deixei pelo caminho da minha vida. Agora faço pra senhora, que também vai ficar pelo caminho da minha vida. Viver é um elástico que se rompe pelo cansaço ou pela força. Me desculpe, mas fui destinada pra romper um elástico aqui. A senhora é a mãe de Felicidade, e ela, Felicidade, não quer dividir mais nenhum inverno com a senhora. Não quer! O jogo é perigoso, senhora, o jogo sempre é perigoso, a senhora sabe disso, o jogo sempre vira, essa frase eu gosto, o jogo sempre vira, mas vira tudo, vira até cena, até cena de novela e ameaça de morte. Mas ninguém morre de véspera, quem morre? Morre, aposte, morre, vou fechar todas essas janelas, vou mesmo. Não se pode viver aqui, lá, onde quer que seja, eu não posso viver em lugar nenhum, talvez a senhora também não... Sua idade é estrangeira, não pertence mais ao casulo. Eu quero me livrar do não pertencer ao que pertence, senhora! Não tem cura, não é uma doença, não é nada, sou eu, eu que já não existo com identidade, porque eu não sou mais minha identidade, não é apenas um sentimento, uma saudade, uma constatação de pertencer a algo ou algum lugar.

Eu não tenho mais lugar, poema, infância, vida adulta ou velhice. Tudo acaba. Não é o exílio, é o NÃO EXISTIR mais, é o meu olhar, meu sorriso, que não se manifesta mais, é apenas ar, invisível, trágico! Eu vou te matar, senhora, esse é o plano, o plano sempre passa por eliminar alguém ou alguma coisa. Casulo precisa, e eu preciso de

casulo pra quê? O que a senhora quer que eu fale, quer que diga de onde sou, mas eu não sou mais, eu não tenho lugar, terra, pátria, eu não posso voltar, eu também não posso ficar, porque não existo nem lá e não existo aqui, sabe o que é isso? Arranque meus olhos, faça valer alguma coisa, não, a senhora não pode, a senhora é apenas a mãe da Felicidade e tem data de validade... E como felicidade não arranca olhos... Me mostre outra alternativa! Nosso casulo é moldar quem ainda brinca de desenhar coração no caderno, algo que transformou todos nós em múmias vivas e sem reação. Cada rosa que eu jogar na senhora, perceba, é um pouco do seu fim que se aproxima, é o tal elástico que se rompe um pouco mais, e quando chegar o seu fim, a senhora que é a mãe de Felicidade, quando chegar o seu fim, aposte, eu vou me jogar no mundo, me jogar no sentido do mundo, eu vou me jogar como se não bastasse viver, eu vou me jogar e me perder como se perde uma aposta quando criança, eu vou me jogar sem nenhuma proteção, eu vou me jogar no mundo com fome e sem nenhum afeto, sem endereço ou nome, eu vou me jogar no mundo escrevendo a palavra amor em todas as caixas de correio por onde eu passar, eu vou me jogar invisível, completamente bêbada, sem castigo e selvagem, sem nenhuma consciência ou hora marcada, cheia de desgosto, suja como algum banheiro público de Paris, com rosto coberto e sem aplausos, bem suja, bem lama, quase sem existir, arrastando uma privada particular, uma escova de dente. Eu vou me jogar no mundo pensando no meu pai, na loucura dos dias quentes, eu vou me jogar no mundo pensando na minha mãe, na escassez da vida, sedenta de sexo, roupa pra lavar e uma pia suja e azeda que chora e goza ao mesmo tempo, eu vou me jogar no mundo pensando que a senhora cometeu crimes diários sentada num sofá e esperando alguém pra te chupar, esperando o cheiro da pele que dormiu comigo na noite passada, na viagem que é aceitar jogar esse jogo e perder, eu vou me jogar criando dívida até na esperança que não tenho me jogando no mundo. Eu vou me jogar no mundo enxugando essas coisas que escorrem dos olhos e não sabemos o que fazer, eu vou me jogar no mundo cometendo esse crime que eu sempre quis cometer. Fique com minhas rosas, a senhora não é e nunca será minha inimiga, é apenas a parte do bolo que se perde. Adeus!

(Senhora mãe de felicidade começa a cantar. Roma coloca rosas ao redor dela. A senhora morre.) Fim.

Lisboa,17/03/2018. Frio e chuva. Uma tempestade com nome se aproxima da cidade.

ANEXO 2

